

XCLUSIVE

# FEED & FOOD

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO

# 20 anos



Ano 18  
nº 221  
Set/2025

**ENTREVISTA**  
RICARDO SANTIN  
DETALHA DADOS  
DE EXPORTAÇÃO,  
CENÁRIO INTERNO  
E PROJEÇÕES  
PARA A CADEIA  
PRODUTIVA DE  
PROTEÍNA ANIMAL

**ESPECIAL**  
UNIFRANGRO OFERECE  
OPORTUNIDADES  
DE NEGÓCIOS A  
PEQUENOS E MÉDIOS  
AVICULTORES

## VANGUARDA NUTRICIONAL

DUAS DÉCADAS DE CIÊNCIA, INOVAÇÃO  
E SUSTENTABILIDADE GUIANDO O SETOR E  
CONSOLIDANDO O BRASIL COMO REFERÊNCIA GLOBAL  
EM NUTRIÇÃO ANIMAL



CONSAGRADO  
NA EUROPA  
E AGORA  
DISPONÍVEL  
NO BRASIL

# Tulaject®

TULATROMICINA



ALIVIRA

## Altamente eficaz contra doenças respiratórias dos suínos

- Dose única
- Efeito prolongado
- Acúmulo rápido e extensivo no tecido pulmonar
- Ação imunomoduladora e melhor resolução da inflamação

 BAIXE AGORA A CALCULADORA ALIVIRA



[alivira.com.br](http://alivira.com.br)



[/alivirabrasil](https://www.instagram.com/alivirabrasil)

## FUNDADOR

**Oswaldo Ciasulli (MtB. 32.517)**  
osvaldo@dc7comunica.com.br

## CEO

**Diogo Ciasulli**  
diogo@dc7comunica.com.br

## GERENTE DE COMUNICAÇÃO

**Camila Santos**  
(MTb 39.770)  
camila@dc7comunica.com.br

## REPÓRTERES

**Caroline Mendes**  
(MTb 0058900/SP)  
caroline@dc7comunica.com.br

**Marcelo Macaú**

## EDITOR DE ARTE

**Daniel Guedes**  
(MTb 33.657)  
daniel@dc7comunica.com.br

## SOCIAL MEDIA

**Brenno Fressatto**  
brenno@dc7comunica.com.br

## MARKETING

**Raiane Modesto**  
raiane@dc7comunica.com.br

## FINANCEIRO

**Jaqueline Ridolfi**  
jaqueline@dc7comunica.com.br

## ADM/TRAFEGO

**Carolina Baggini**  
carolina@dc7comunica.com.br

## COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, Altemir Gregolin,  
Ariosto Mesquita (DRT/MG 3474),  
Ariovaldo Zani, Fabio Pereira,  
Larissa Spricigo, Mayra Theis,  
Nabih Amin El Aouar e Reginaldo  
Ferreira Rocha

## Portal de notícias:

[www.feedfood.com.br](http://www.feedfood.com.br)

## Revista on-line gratuita:

[www.revistafeedfood.com.br](http://www.revistafeedfood.com.br)

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



# NUTRIÇÃO EM PAUTA

**N**esta edição da Feed&Food, seguimos nossa missão de levar conteúdo relevante e estratégico para todos que atuam na cadeia produtiva de proteína animal. Destacamos temas que refletem o dinamismo e a evolução do setor, abordando desde a nutrição de precisão até oportunidades de negócios que transformam o mercado.

O Especial 20 anos tem como foco a Nutrição, tema central desta edição. Aqui, mostramos como a nutrição evoluiu e como o desempenho dos animais pode ser medido a olhos nus, destacando que cada detalhe da alimentação impacta diretamente na produtividade, na saúde e na rentabilidade. É um convite para que produtores e técnicos reflitam sobre práticas modernas, ciência aplicada e resultados tangíveis, traduzindo conhecimento em excelência operacional.

Em Agentes de Transformação, apresentamos iniciativas como a da Unifrangro, que oferece oportunidades de negócios para pequenos e médios avicultores, fortalecendo o setor e demonstrando que parcerias estratégicas podem gerar crescimento sustentável e inovação contínua.

Nossa entrevista traz Ricardo Santin, presidente da ABPA, detalhando dados de exportação, cenário interno e projeções para a cadeia produtiva de proteína animal. Suas análises permitem uma visão ampla e estratégica do mercado, essencial para a tomada de decisões e para a identificação de oportunidades em um setor em constante transformação.

Paralelamente, seguimos caminhando para o fechamento das agendas de eventos do ano, garantindo que a Feed&Food continue conectada com os principais encontros e tendências do setor. Estamos também preparando novas estratégias para colocar a sua marca cada vez mais em voga, fortalecendo presença, engajamento e relevância junto a todo o ecossistema da proteína animal.

Ao longo de duas décadas, a Feed&Food tem sido um guia, uma ponte e um aliado do setor, conectando informação, oportunidades e inovação. É por isso que, mais uma vez, reafirmamos nosso compromisso de celebrar o passado, inspirar o presente e preparar o setor para os desafios e conquistas do futuro.

Boa leitura,

**Diogo Ciasulli**  
CEO da Feed&Food



# SUMÁRIO



18

**CAPA**

NUTRIÇÃO EVOLUI  
E DESEMPENHO  
PODE SER MEDIDO  
A OLHOS NÓS

## SOLUÇÕES PWC

**06** Bioinsumos são alternativas que oferecem soluções eficazes tanto para a agricultura quanto para a pecuária

## QUALIFICANDO

**08** Produtividade: um termo cada vez mais abrangente no setor pecuário

## ABIQUIFI

**10** Ações estratégicas no Peru, Colômbia e México aproximam empresas nacionais de autoridades e parceiros comerciais

## COLUNA FEED

**12** Produção brasileira de rações atingiu 43,4 milhões de toneladas no primeiro semestre de 2025

## COBERTURA

**28** Com dna científico e foco em biotecnologia, Imeve amplia fronteiras e projeta o futuro da produção animal sustentável

## COBERTURA

**36** Elanco e KPMO unem forças para discutir futuro de baixo carbono

## AVES

**40** Nos 30 anos da Associação e 15 do Simpósio Técnico, Acav reforça o associativismo e a importância dos eventos

## APCS NEWS

**43** Veja o comportamento do mercado de suínos do Estado de São Paulo no ano

## SUÍNOS

**44** SBSS: especialistas discutem implicações do banimento do ZNO e possíveis cenários para o Brasil

# 14

## ENTREVISTA

RICARDO SANTIN DETALHA DADOS DE EXPORTAÇÃO, CENÁRIO INTERNO E PROJEÇÕES PARA A CADEIA PRODUTIVA DE PROTEÍNA ANIMAL

# 32

## ESPECIAL

## AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO

UNIFRANGRO OFERECE OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS A PEQUENOS E MÉDIOS AVICULTORES



## BOVINOS LEITE

**48** Avanços da avaliação genômica reposicionam o mercado leiteiro mundial

## BOVINOS CORTE

**52** Produtores 50+ e os desafios de produzir mais, sem prejudicar o seu bem-estar

## COLUNA NELORE

**56** Nabih Amin el Aouar fala sobre a evolução da pecuária (e da carne) nelore

## ASBRAM NEWS

**58** Alta performance em vendas e confraternização marcam reunião da Asbram

## ABCC NEWS

**60** Abcc fala sobre o plano de desenvolvimento para a carcinicultura

## GREGOLIN

**64** A hora e a vez do mercado interno para o pescado

## MKT DO AGRO

**66** Futuro do agro está na forma como contamos nossa história



Mayra Theis e Fabio Pereira

## BIOINSUMOS: INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA AGROPECUÁRIA

Nos últimos anos, o setor agropecuário brasileiro tem passado por uma profunda transformação, guiada pela crescente demanda por práticas produtivas mais sustentáveis e responsáveis ambientalmente. Nesse cenário, os bioinsumos emergem como alternativas estratégicas e inovadoras, oferecendo soluções eficazes tanto para a agricultura quanto para a pecuária.

Conforme definido pelo Decreto nº 10.375/2020 (Brasil), bioinsumo é todo produto, processo ou tecnologia de origem vegetal, animal ou microbiana destinado à produção, armazenamento e beneficiamento de produtos agropecuários, aplicável em sistemas de produção terrestres, aquáticos ou de florestas plantadas. Especificamente, os bioinsumos microbianos – que incluem microrganismos vivos, microalgas, fungos e bactérias – atuam como fontes de nutrientes essenciais, metabólitos bioativos e reguladores biológicos, promovendo melhorias significativas na saúde do solo, do animal e na produtividade dos sistemas agrícolas.

Essa abordagem difere substancialmente do uso tradicional de insumos químicos, que têm sua base na síntese industrial de moléculas artificiais, frequentemente associadas a impactos ambientais, como contaminação de solos e recursos hídricos, além de riscos à saúde humana, apesar de toda a segurança e aprovação pelos órgãos reguladores. Os bioinsumos, por sua vez, integram-se aos processos naturais, favorecendo o equilíbrio ecológico, a circularidade dos nutrientes e a sustentabilidade a longo prazo.

O mercado brasileiro de bioinsumos vem crescendo rapidamente. De acordo com a Embrapa, esse avanço é uma tendência consolidada, impulsionada tanto pela pressão por práticas sustentáveis quanto pela urgente necessidade de reduzir a dependência de insumos químicos importados — atualmente, mais de 70% dos fertilizantes utilizados no país são provenientes do exterior.

Segundo dados da CropLife, na safra 2023/2024 o segmento movimentou cerca de R\$ 5 bilhões, apresentando crescimento de 15% em relação ao período anterior. Tal evolução supera em quatro vezes a taxa média global, destacando o protagonismo brasileiro no cenário mundial de bioinsumos. As culturas que lideram o uso desses produtos são soja (62%), milho (23%) e cana-de-açu-

car (10%), seguidas por algodão, café e citros.

Embora a maior parte das atenções esteja voltada para a agricultura, os bioinsumos têm avançado rapidamente na pecuária, especialmente na alimentação de ruminantes. Microrganismos como leveduras, fungos filamentosos, bactérias e microalgas demonstram elevado potencial como fontes alternativas de proteína, vitaminas, minerais e compostos bioativos. Esses organismos podem ser utilizados como aditivos, suplementos nutricionais ou incorporados diretamente à dieta animal, contribuindo para a melhoria da eficiência produtiva e da saúde dos rebanhos.

Essa aplicação está diretamente alinhada aos princípios da economia circular, uma vez que os substratos utilizados na produção microbiana podem ser derivados de resíduos e efluentes agroindustriais, transformando passivos ambientais em insumos valiosos. Desse modo, os bioinsumos promovem a redução do desperdício, o reaproveitamento eficiente dos nutrientes e a sustentabilidade dos sistemas agropecuários como um todo.

Diversos estudos evidenciam os benefícios das leveduras na modulação da microbiota ruminal, com impactos positivos na digestibilidade dos alimentos, prevenção de distúrbios metabólicos como a acidose ruminal, e aumento da produção de leite e carne. Essa sinergia entre bioinsumos e pecuária reforça metas ambientais relevantes, como a mitigação das emissões de gases de efeito estufa e o uso racional dos recursos naturais.

Segundo projeções da consultoria Mordor Intelligence, o mercado global de bioinsumos poderá alcançar US\$ 18,5 bilhões até 2026. No Brasil, a área cultivada com bioinsumos deve crescer a uma taxa média anual de 21% nos próximos anos, conforme estimativas da CropLife.

Assim, os bioinsumos devem ser compreendidos como complementares aos insumos agroquímicos convencionais, exercendo papel fundamental na construção de um novo modelo agropecuário fundamentado em circularidade, eficiência produtiva e responsabilidade ambiental. O fortalecimento desse setor representa além de ganhos econômicos expressivos, avanços sociais e ambientais, posicionando o Brasil como referência global em agricultura e pecuária sustentáveis no século XXI. ■



### Mayra Theis

Sócia da PwC Brasil e líder de Agribusiness

### Fabio Pereira

Diretor da PwC Brasil e especialista em Agribusiness

24  
anos  
GRASP



Inspirados pela natureza  
**REVOLUCIONAMOS O FUTURO  
DA PRODUÇÃO ANIMAL**

A GRASP está há 24 anos à frente das tendências, transformando a produção animal com aditivos tecnológicos inovadores: **mais saúde, mais sustentabilidade e melhores resultados para os nossos clientes.**



LINHA DE PRODUTOS GRASP



Empresa certificada  
GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

[www.grasp.ind.br](http://www.grasp.ind.br) |     /grasp.ltda





# PRODUTIVIDADE: UM TERMO CADA VEZ MAIS ABRANGENTE NO SEGMENTO PRODUTIVO DO PAÍS

**E**stamos desde Março deste ano apresentando um panorama de efetiva possibilidade de mudança no cenário da pecuária com o projeto Beef on Dairy voltado a incrementar a produção em mais de 20%, considerando: - sanar as questões relacionadas ao descarte de bezerros machos na produção leiteira (transformando estes em rentabilidade para estes produtores), - incrementar o plantel leiteiro viabilizando a melhoria genética através da inclusão de sêmens sexados fêmea F1 para leite; minimizar os impactos do ciclo da pecuária com a produção de bezerros de corte em prazos menores e contínuos durante o ano, enfim, vários benefícios agregados a um novo projeto com foco em alcançar melhores resultados.

Desde a concepção da implementação até o nascimento dos primeiros bezerros, todos os cuidados são dirigidos para o aspecto nutrição, que é vital para atingir uma proporção ideal de carne magra e gordura no gado antes do processamento, além de manter a saúde geral no decorrer de todo o projeto - Como mencionado anteriormente, os primeiros 90 dias do bezerro são determinantes para os excelentes resultados na terminação.

Considerando que esses bezerros não são bovinos de corte nativos nem novilhos leiteiros de raça pura, suas necessidades nutricionais são diferentes. Pesquisas conduzidas junto a Centros de Nutrição Animal identificaram que os bezerros de corte em vacas leiteiras se dão muito bem com dietas ricas em proteína e energia. O manejo cuidadoso da dieta de terminação para incluir o equilíbrio correto de volumosos, forragens e grãos, desempenha um papel fundamental para ajudar os bezerros a manter um intestino saudável, além de ajudar no desenvolvimento da musculatura magra desejada por Frigoríficos e consumidores.

Embora possa haver um desejo de obter carcaças mais pesadas para aumentar o potencial de lucro - que pode significar ganhos adicionais em prêmios no abate, a superalimenta-

ção desses animais naturalmente de baixa estatura pode levar a um excesso de gordura que precisará ser aparado, o que pode afetar negativamente a porcentagem geral de gordura e o grau de rendimento - razão esta que exige cautela e um acompanhamento pontual. É por essas e outras razões que é tão importante alimentar um programa que priorize o ganho de massa muscular magra voltado para essas raças que trazem uma genética de corte a partir do touro doador conjuntamente com a matriz que contribui ainda mais para a melhoria desse resultado em termos de marmoreio e maciez da carne.

Garantir que somente os bezerros de alta qualidade cheguem aos Frigoríficos é um processo que começa desde o primeiro dia de vida do animal e está aí a importância de se compor um protocolo geral bem definido e acompanhado - os abates podem ocorrer aos 13 meses de idade com alcance de até 22 arrobas.

Ao implementar estratégias abrangentes em todos os estágios de desenvolvimento, do nascimento à terminação, estabelece-se uma base sólida para a produção de carne bovina de qualidade superior.

O estágio de terminação é uma oportunidade crucial para aproveitar a base sólida construída na fase de pré-desmame e aprimorar ainda mais a qualidade e as características da carne bovina, fornecendo, em última análise, produtos excepcionais aos consumidores.

Beef on Dairy já é uma realidade que a partir de uma integração associativa com os procedimentos já implementados na maioria das propriedades, consolida um novo patamar de produção orientado a maior precocidade e rentabilidade.

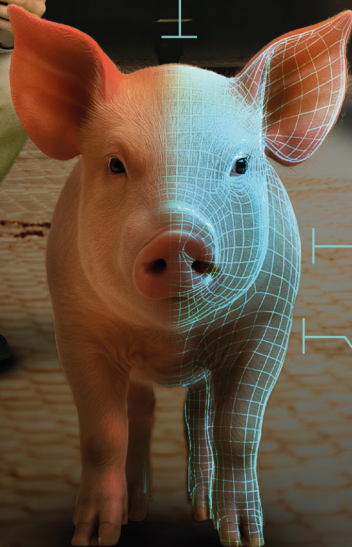
A Ecco2 possui competências multidisciplinares que integra esses projetos em seu ambiente produtivo, promovendo uma total integração entre a cadeia de profissionais atuantes em sua propriedade (Veterinários, Zootecnistas, Gerentes, dentre outros), ajustando o foco dos resultados para que seus ganhos alcancem patamares expressivos na terminação que podem corresponder em percentuais acima de 23%. ■



### **Reginaldo Ferreira Rocha**

é consultor empresarial,  
palestrante, especialista  
em Beef on Dairy,  
Regularização e Gestão  
Fundriária pela Ecco2  
Gestão de Negócios

# Treinado para ser imbatível em desempenho e rentabilidade



Maior Índice de  
**Eficiência  
Produtiva**



Aumento no  
**Ganho  
de Peso**



Melhora na  
**Conversão  
Alimentar**



Seu negócio está  
preparado para o treino?  
Escaneie e veja  
o Neopigg em ação.




# INDÚSTRIA FARMACÊUTICA BR REALIZA MISSÃO EM PAÍSES VIZINHOS

AÇÕES ESTRATÉGICAS NO **PERU, COLÔMBIA E MÉXICO** APROXIMAM EMPRESAS NACIONAIS DE AUTORIDADES REGULATÓRIAS E PARCEIROS COMERCIAIS

**CAMILA SANTOS**

[camilla@dc7comunica.com.br](mailto:camilla@dc7comunica.com.br)



**M**issões comerciais e regulatórias vão fortalecer a internacionalização da indústria farmacêutica brasileira em mercados estratégicos da América Latina. Isso porque, entre os dias 1º e 22 de outubro, a Abiquifi, por meio do Projeto BPH em parceria com a ApexBrasil, promoverá agendas no Peru, Colômbia e México, oferecendo às empresas participantes acesso direto a discussões regulatórias, rodadas de negócios e oportunidades de networking com autoridades e potenciais compradores.

Com apoio institucional das Embaixadas do Brasil nos três países e

presença confirmada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), as missões foram planejadas para ampliar o alcance de empresas brasileiras que atuam nos segmentos de Insumos Farmacêuticos Ativos (IFA), Saúde Humana e Saúde Animal. O investimento por empresa/país deve ser consultado com a organização..

**TRÊS AGENDAS ESTRATÉGICAS EM OUTUBRO.** A primeira missão será realizada no Peru, entre os dias 1º e 3 de outubro, na Embaixada do Brasil em Lima. Em seguida, o grupo se desloca para a Colômbia, onde a programação ocorrerá entre 7 e 9 de outubro, em local a ser



confirmado. O ciclo se encerra no México, entre 20 e 22 de outubro, na Embaixada do Brasil na Cidade do México.

Em todos os destinos, os participantes terão acesso a seminários técnicos, visitas institucionais, rodadas de negócios e encontros organizados por uma empresa de matchmaking especializada, que fará a curadoria das reuniões B2B. O objetivo é garantir que cada empresa seja conectada a parceiros e potenciais compradores alinhados ao seu perfil de negócios.

Além disso, as missões contarão com apoio das equipes da Abiquifi e das representações diplomáticas brasileiras, assegurando respaldo institucional e logístico para os participantes.

**VALOR ESTRATÉGICO DA PRESENÇA DA ANVISA.** Um dos diferenciais das agendas é a participação da ANVISA, que acompanhará reuniões e interações com as agências regulatórias locais. A presença da autoridade regulatória brasileira permitirá que as empresas nacionais compreendam melhor as exigências técnicas e regulatórias dos países-alvo, elemento considerado essencial para a viabilização de negócios no setor farmacêutico.

“A presença da ANVISA nas missões agrega valor ao permitir que as empresas brasileiras acompanhem de perto as interações entre a agência brasileira e as autoridades locais, o que é fundamental para a comercialização de produtos e insumos junto a esses parceiros”, destaca Gabriel Doy, coordenador de Negócios Internacionais e Estratégicos da Abiquifi.

**OBJETIVOS CENTRAIS DA INICIATIVA.** Segundo Doy, o propósito das missões é fortalecer a internacionalização da indústria farmacêutica nacional em mercados latino-americanos estratégicos. “Nosso objetivo é promover a indústria farmacêutica brasileira em três verticais – IFA, Saúde Humana e Saúde Animal – com foco na expansão das exportações e na abertura de novas oportunidades de negócios no Peru, Colômbia e México”, explica o coordenador.

Esses três países foram selecionados por sua relevância dentro do cenário latino-americano e pelo potencial de expansão para produtos farmacêuticos e serviços associados. “São mer-



GABRIEL DOY É COORDENADOR DE NEGÓCIOS INTERNACIONAIS E ESTRATÉGICOS DA ABIQUIFI

cados relevantes, com indicadores favoráveis para a expansão da indústria farmacêutica brasileira”, completa.

**OPORTUNIDADES EM SAÚDE HUMANA E ANIMAL.** As demandas locais oferecem espaço para diferentes perfis de empresas brasileiras. Entre os nichos de maior potencial estão a comercialização de produtos acabados para saúde humana e animal, o fornecimento de IFAs e a oferta de serviços especializados, como consultorias técnicas e regulatórias.

Nesse sentido, a estrutura das missões foi pensada para maximizar o contato com parceiros locais, tanto na esfera institucional quanto empresarial. “As empresas brasileiras terão a oportunidade de contar com uma empresa especializada em matchmaking, que identi-

UM DOS DIFERENCIAIS DAS AGENDAS É A PARTICIPAÇÃO DA ANVISA, QUE ACOMPANHARÁ REUNIÕES E INTERAÇÕES COM AS AGÊNCIAS REGULATÓRIAS LOCAIS

ficará potenciais compradores de acordo com as necessidades de cada companhia. Isso permite ampliar negócios, aumentar exportações e fortalecer a presença na América Latina”, ressalta.

#### NETWORKING E APOIO INSTITUCIONAL.

Além das rodadas de negócios, os participantes terão acesso a eventos de networking com autoridades locais e representantes do setor de saúde nos três países. As atividades são apoiadas pela Abiquifi, pela Apex Brasil e pelas Embaixadas do Brasil, que desempenham papel estratégico na aproximação institucional e no suporte às negociações.

A programação inclui desde painéis de discussão com especialistas até visitas técnicas e encontros com entidades regulatórias. A organização reforça que as vagas são limitadas e que a logística das missões está sendo definida com base nos formulários de interesse já recebidos.

#### INVESTIMENTO E CONTRAPARTIDAS.

O investimento para participação em cada missão contempla acesso integral à agenda oficial, matchmaking e suporte das equipes de Abiquifi e ApexBrasil. Os associados da Abiquifi têm direito a 10% de desconto.

As empresas devem arcar com custos adicionais relacionados a passagens aéreas, hospedagem e alimentação, de forma a organizar suas próprias agendas paralelas, caso desejem.

#### EXPANSÃO SUSTENTÁVEL DA INDÚSTRIA.

Com a realização dessas três missões, a Abiquifi e a Apex Brasil consolidam mais uma etapa do Projeto BPH, voltado ao fortalecimento da presença internacional da indústria farmacêutica brasileira. Ao integrar agendas regulatórias e comerciais, a iniciativa busca não apenas ampliar exportações, mas também criar relações sustentáveis com países vizinhos da América Latina.

“Essas missões foram estruturadas para que as empresas brasileiras tenham acesso direto a mercados estratégicos, de forma organizada e com respaldo institucional. Trata-se de um movimento para consolidar a presença do setor farmacêutico brasileiro em países que oferecem grande potencial de expansão”, conclui o coordenador. ■



# UMA MÃO LAVA A OUTRA!

**D**urante o mês de setembro o Sindirações costuma disponibilizar a estimativa do montante produzido de janeiro a junho do ano corrente. A produção brasileira de rações alcançou 43,4 milhões de toneladas e avançou 2,2% em relação ao respectivo semestre de 2024.

A demanda da avicultura de corte consumiu 18,9 milhões de toneladas de rações e avançou timidamente, abatida pelo ritmo exportador afetado pelos embargos consequentes ao foco de influenza aviária. Apesar da pressão externa, a produção de carne de frango segue trajetória positiva e pode até superar 15 milhões de toneladas nesse ano corrente, conforme previsão da Associação Brasileira de Proteína Animal/ABPA.

Já o avanço de 3,3% no alojamento de poedeiras comerciais, culminou na demanda de 3,7 milhões de toneladas e alta mais expressiva, quando comparada ao primeiro semestre do ano passado. Importante ressaltar que, embora ainda incipiente, a exportação de ovos comerciais tem crescido vigorosamente e os Estados Unidos absorveram mais da metade desses embarques no período, consolidando o Brasil como fornecedor estratégico em um cenário de alta demanda internacional.

Por sua vez, a produção de rações para a suinocultura revelou razoável evolução, contabilizando 10,6 milhões de toneladas. De acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal/ABPA, a produção de carne suína pode superar 5,4 milhões de toneladas em 2025, em resposta à abertura e consolidação de novos mercados como Filipinas, México e Singapura e pela estabilidade do mercado doméstico.

De acordo com os dados preliminares do Instituto Brasileiro de Geografia

e Estatística/IBGE, a captação formal de leite no primeiro semestre cresceu 6,1% frente ao mesmo período de 2024. Vale destacar, inclusive, que a região Nordeste apresentou a maior expansão percentual, enquanto o Sul prevalece em volume absoluto. Essa retomada consistente, impulsionada por margens de rentabilidade mais ajustadas e menores custos de suplementação em relação ao ano anterior, exigiu mais de 3,7 milhões de toneladas de rações para vacas em lactação. Ao final de 2025, A produção de leite pode crescer até 2,5%, a depender da valorização do dólar que encarece as importações daqueles derivados do Uruguai e da Argentina e da cotação dos principais insumos para alimentação e saúde dos planteios.

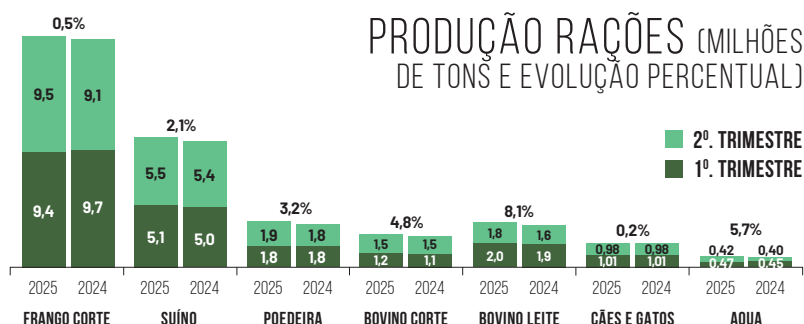
A análise do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada/CEPEA, por sua vez, aponta importantes sinais de dinamismo na cadeia produtiva de bovinos de corte, à exemplo do incremento nos embarques ao exterior, muito embora, a produção em regime intensivo tenha confrontado margens mais apertadas, durante o primeiro semestre desse ano, período em que a produção de rações e concentrados para bovinos de corte alcançou 2,75 milhões de toneladas. O prognóstico mais otimista voltado ao segundo gi-

ro do confinamento vai depender do alívio nos custos, dos preços futuros mais atrativos e, sobretudo, da eficiência gerencial dos empreendimentos.

A demanda de rações para aquicultura somou 892 mil toneladas de janeiro a junho de 2025. Esse período revelou-se bastante desafiador para a cadeia produtiva de peixes nativos e exóticos, sobretudo por causa das vendas aquém das expectativas e dos baixos preços pagos pela tilápia. É importante ressaltar que o inverno mais rigoroso que de costume, inibe o apetite dos peixes e facilita a incidência de doenças. Já alguns carcinicultores, defronte às tantas incertezas, buscaram ampliar as áreas de viveiros nas fazendas e menores densidades de estocagem para produção de camarões maiores na tentativa de melhoria nos preços pagos.

As projeções da Associação Brasileira de Produtos para Animais de Estimacão/ABINPET apontam que o segmento de alimentos para cães, gatos, peixes e pássaros ornamentais e outros responde por 53,5% do faturamento da indústria de produtos para animais de companhia. Durante o primeiro semestre desse ano, a produção de alimentos para cães e gatos alcançou quase 2 milhões de toneladas.

Mesmo diante de desafios sanitários e comerciais, é flagrante observar a resiliência da nossa cadeia produtiva de proteína animal que avança em produção e diversificação de mercados e sobretudo, rotula o selo protagonista ao Brasil, celeiro abastecedor global das carnes, peixes, ovos e leite. A indústria de alimentação animal brasileira, por sua vez, é estratégica por assegurar insumos nutricionais de qualidade e escala, assegurando assim a eficiência produtiva e a continuidade do suprimento. ■



# PLASSON: TECNOLOGIA PARA OS MELHORES RESULTADOS.



CONECTIVIDADE  
GESTÃO DA GRANJA  
CONTROLE DO AMBIENTE



CONTROLADOR **TRIO 20**

## Eficiência alimentar e ambientes inteligentes sob total controle.

Com o Controlador TRIO 20, cada galpão se transforma em um ambiente inteligente.

Sua tela intuitiva, conectividade avançada e climatização precisa garantem o equilíbrio entre bem-estar animal, eficiência alimentar e produtividade máxima.

Plasson: soluções inteligentes a serviço do produtor.



[www.plasson.com.br](http://www.plasson.com.br)



Projeto, execução, equipamentos e instalação.

**PLASSON**<sup>®</sup>  
Livestock

# BRASIL MANTÉM ESTABILIDADE E DIVERSIFICAÇÃO DE MERCADOS NA PRODUÇÃO DE PROTEÍNAS

**RICARDO SANTIN** DETALHA DADOS DE EXPORTAÇÃO, CENÁRIO INTERNO E PROJEÇÕES PARA A CADEIA PRODUTIVA

**CAMILA SANTOS**  
camila@dc7comunica.com.br

**E**m entrevista à F&F, Ricardo Santin detalha a atuação do setor brasileiro frente a crises, estratégias de exportação e perspectivas de crescimento sustentável das cadeias de aves e suínos.

**F&F: Como o Brasil garante a segurança da carne exportada?** *Ricardo Santin:* O setor avícola brasileiro construiu, ao longo de décadas, um sistema robusto de controle sanitário e de qualidade. Nossas plantas industriais seguem padrões internacionais de produção e inspeção. É um sistema amplamente auditado, seja por autoridades internas como também internacionais, das mais de



150 nações importadoras. Temos um trabalho de eficiência, estabelecido nos mais altos padrões globais de qualidade e sanitário.

**Quais medidas estão sendo adotadas para fortalecer o mercado interno e externo?** O setor produtivo tem fortalecido seu amplo trabalho de promoção de consumo interno e de fortalecimento das marcas e da imagem internacionais. Empresas e ABPA promovem ações e campanhas com este propósito. No mercado interno, temos altos níveis de consumo – é a proteína mais consumida no Brasil – e a tendência, agora, é pela agregação de processos. No mercado global, a ampliação de nossa presença e o fortalecimento das relações estão no centro da estratégia.

**E como estão as exportações de carne brasileira?** Diante da recente e já superada experiência com situação pontual e resolvida de Influenza Aviária em produção comercial, temos dados pouco menores em relação ao ano passado – porém, sustentados e bastante vigorosos, motivos pelos quais comemoramos os números até aqui. No ano (janeiro a agosto), as exportações de carne de frango totalizam 3,394 milhões de toneladas, saldo 1,1% menor em relação ao mesmo período do ano passado, com 3,432 milhões de toneladas. A receita acumulada nos oito primeiros meses do ano chegou a US\$ 6,308 bilhões, saldo 0,2% menor em relação ao registrado em 2024, com US\$ 6,319 bilhões.

**Quais são as projeções para produção e consumo interno?** A produção de carne deve crescer cerca de 2,2% este ano e 1,2% em 2026, com estabilidade no consumo per capita, estimado em 18,7 kg por habitante/ano. Esperamos aumento de consumo no final do ano, especialmente no inverno, e crescimento contínuo da cultura brasileira de produção de proteínas, sustentado pelo panorama positivo de mercado interno e externo.

**E em relação ao cenário internacional, como está o desempenho da China e de outros concorrentes?** O México – que recentemente recebeu uma ação da ABPA voltada para a preservação do fluxo comercial – liderou pela primeira vez o ranking dos principais destinos de carne de frango, com 37,5 mil toneladas embarcadas em agosto, número 873,3% superior ao registrado no ano passado. Em seguida estão Emirados Árabes Unidos, com 32,5 mil toneladas (-16,9%), Japão, com 30,3 mil toneladas (-22,2%), Arábia Saudita, com 27 mil toneladas (+0,6%), África do Sul, com 25,7 mil toneladas (-8,4%),

Filipinas, com 19,7 mil toneladas (+27,2%), Coreia do Sul, com 15,3 mil toneladas (+65,7%), Iraque, com 12,7 mil toneladas (+15,0%), Reino Unido, com 11,3 mil toneladas (+130,2%) e Singapura, com 10,9 mil toneladas (+14%). Os embarques para a China ainda seguem suspensos, mas se esperam que, assim como as vendas para União Europeia e Chile (recentemente retomadas), devam se restabelecer em breve.

**O que podemos esperar para 2026 e 2027?** A produção brasileira de carne de frango deverá totalizar 15,400 milhões de toneladas em 2025, número até 3% superior ao total de 14,972 milhões de toneladas produzidas em 2024. Para 2026, é esperado crescimento, com até 15,700 milhões de toneladas, alta de 2%. As exportações devem se manter em patamares estáveis, com pequena queda de até 2%, projetando até 5,200 milhões de toneladas exportadas em 2025 (contra 5,295 milhões em 2024) e até 5,500 milhões em 2026, crescimento de 5,8% sobre o ano anterior. No mercado interno, a disponibilidade de carne de frango poderá atingir até 10,200 milhões de toneladas em 2025, frente às 9,678 milhões de toneladas em 2024, crescimento de 5,4%. A expectativa é de estabilidade no volume em 2026. Com isso, o consumo per capita da proteína deverá passar dos 45,5 kg por habitante em 2024 para 47,8 kg em 2025 (+5,1%), mantendo-se nesse mesmo patamar em 2026.

**Como a diversificação de mercados contribui para o desempenho do Brasil?** Diversificar é essencial. Mesmo com oscilações em um mercado, como a China, outros países absorvem a produção, garantindo a sustentabilidade. Trabalhamos para aumentar a presença em Filipinas, Chile, Hong Kong, Japão, México e Argentina, fortalecendo a exportação brasileira e reduzindo riscos de concentração em poucos compradores.

**Quais são os principais fatores que sustentam a competitividade do Brasil na produção de proteínas?** Controle sanitário rigoroso, certificação da carne, infraestrutura produtiva eficiente e ampla oferta de grãos são parte de uma visão setorial maior, que estabelece um modelo altamente profissionalizado e competitivo tanto no mercado interno como internacional.

**Quais outros mercados internacionais são estratégicos para o Brasil?** Filipinas seguem como principais destinos das exportações, com 33,4 mil toneladas registradas em agosto, saldo 19,5% superior ao registrado no mesmo mês do ano passado. Em seguida estão o Chile, com ►

13,3 mil toneladas (+8,3%), China, com 10,3 mil toneladas (-36,3%), Japão, com 8,5 mil toneladas (+5,4%), México, com 7,4 mil toneladas (+30,7%), Hong Kong, com 6 mil toneladas (-36,6%), Vietnã, com 5,9 mil toneladas (42,7%), Singapura, com 5,2 mil toneladas (-33,1%), Uruguai, com 3,7 mil toneladas (+2,4%) e Costa do Marfim, com 3,4 mil toneladas (+164,3%).

**Como está a produção e exportação de ovos?** Estamos projetando 62 bilhões de ovos produzidos este ano. Apesar da queda acentuada na exportação para os Estados Unidos nos primeiros 12 meses, ainda esperamos exportar 40 mil toneladas. Embora não ultrapasse 1% da produção, isso consolida a presença do Brasil no mercado internacional.

**Quais são as perspectivas de consumo interno?** O consumo per capita no Brasil alcança 288 ovos por ano, colocando o país entre os dez maiores consumidores globais, possivelmente subindo para sexto lugar em 2026 com 306 ovos por habitante. O ovo está se tornando cada vez mais presente na dieta diária, especialmente no café da manhã, e representa fonte acessível de nutrientes essenciais.

**O setor de postura está preparado para atender a essa demanda?** Sim. Mesmo com desafios enfrentados pelo setor de genética e produção de ovos, o segmento de postura está em posição de quebrar recordes históricos, ultrapassando a barreira de quase 300 ovos por habitante/ano. É um ambiente positivo que consolida o Brasil como player global na produção de ovos, com potencial de crescimento a médio e longo prazo.

**Como o Brasil está se posicionando na exportação de carne de frango atualmente?** No ano (janeiro a agosto), as exportações de carne de frango totalizam 3,394 milhões de toneladas, saldo 1,1% menor em relação ao mesmo período do ano passado, com 3,432 milhões de toneladas. A receita acumulada nos oito primeiros meses do ano chegou a US\$ 6,308 bilhões, saldo 0,2% menor em relação ao registrado em 2024, com US\$ 6,319 bilhões. O desempenho do mês de agosto manteve a estabilidade de embarques no



“**PROJETAMOS QUE A EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DEVE FECHAR EM CERCA DE 15,2%, ATINGINDO APROXIMADAMENTE 5,2 MILHÕES DE TONELADAS, COM UMA POSSÍVEL VARIAÇÃO DE ATÉ 2%”**

tada desde a reconquista do status de Livre de Influenza Aviária, pelo Brasil, o que deve se alterar positivamente com as recentes retomadas das importações pelo Chile e a oficialização da reabertura da União Europeia.

**Quais são os números consolidados para o fechamento do ano?** As exportações devem se manter em patamares estáveis, com pequena queda de até 2%, projetando até 5,200 milhões de toneladas exportadas em 2025 (contra 5,295 milhões em 2024) e até 5,500 milhões em 2026, crescimento de 5,8% sobre o ano anterior.

**Como o mercado interno influencia essa estabilidade?** O mercado interno é fundamental. Cerca de 64% da produção fica no Brasil, garantindo oferta estável mesmo diante de variações externas. No mercado interno, a disponibilidade de carne de frango poderá atingir até 10,200 milhões de toneladas em 2025, frente às 9,678 milhões de toneladas em 2024, crescimento de 5,4%.

**E as perspectivas para 2026?** Para 2026, esperamos crescimento de aproximadamente 2%, chegando a

15,7 milhões de toneladas. A exportação também deve crescer, aproximando-se de 5,5 milhões de toneladas, quase 6% acima do ano anterior.

**Como o Brasil se posiciona em relação a concorrentes como União Europeia e Estados Unidos?** Apesar de algumas quedas pontuais na União Europeia e nos Estados Unidos, o Brasil se mostra consistente. Por exemplo, a UE registrou queda de 13,9% de janeiro a maio, enquanto os Estados Unidos reduziram as exportações em 3,9% no mesmo período. Essa situação abre espaço para que o Brasil sustente e recupere exportações, mantendo competitividade global.

**Como o Brasil conseguiu enfrentar os desafios recentes do setor de frango?** O país enfrentou um dos episódios mais difíceis da história do setor com o caso de Influenza Aviária no Rio Grande do Sul, mas o fez de forma positiva. Houve apenas uma pequena queda nas exportações, sem impacto no mercado interno, garantindo segurança alimentar para a população. A parceria com diversos países, estados e municípios foi fundamental para manter a sustentabilidade da atividade avícola.

**Qual é a situação atual da suinocultura?** No panorama nacional, estamos retomando a produção e garantindo segurança ambiental, fluxo de exportações saudável e resiliência para as empresas.

**Como o Brasil garante a prevenção e o controle de doenças como PSA?** Mantemos campanhas de prevenção do PSA e a outras enfermidades que possam colocar em risco a nossa produção. Temos nas granjas os mais elevados níveis de biossegurança implantado que, somado aos esforços de toda a cadeia produtiva de ponta a ponta, garante produtos nos mais elevados padrões sanitários e de qualidade.

**Alguma mensagem final para o setor?** “O Brasil consolida sua posição global em proteínas, com segurança sanitária, sustentabilidade, infraestrutura robusta e presença internacional crescente. É um esforço coletivo de produtores, cooperativas, órgãos públicos e empresas, e os resultados refletem a força e resiliência do setor.” ■

# MELHORA A DIGESTIBILIDADE DE TODO O INTESTINO DELGADO



Butifour®  
Gut health improvers



A Impextraco® desenvolveu o Butifour® para uma digestibilidade ideal em todo o intestino delgado.



- Estimula o desenvolvimento das vilosidades e melhora a qualidade delas
- Reduz a inflamação e a perda de energia
- Estimula a maturação imunológica no intestino
- Melhora o desempenho, conforme demonstrado em diversos estudos



Entre em contato com seu representante de vendas em [comercial@impextraco.com.br](mailto:comercial@impextraco.com.br) ou visite [www.impextraco.com](http://www.impextraco.com) para saber mais.

# VANGUARDA NUTRICIONAL

DUAS DÉCADAS DE CIÊNCIA, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE  
GUIANDO O SETOR. INOVAÇÕES CONSOLIDAM O BRASIL COMO  
REFERÊNCIA GLOBAL EM NUTRIÇÃO ANIMAL





**CAROLINE MENDES**  
 caroline@dc7comunica.com.br

O avanço da nutrição animal no Brasil nas últimas duas décadas não pode ser contado sem destacar a presença da GRASP. Fundada em 2001, a empresa cresceu em paralelo à própria evolução do setor, ajudando a profissionalizar áreas emergentes, como o controle de micotoxinas, e abrindo espaço para soluções naturais que hoje fazem parte do cotidiano da produção. Em um período em que a produção animal nacional consolidava sua relevância global, a GRASP assumiu o papel de agente transformador: trouxe ciência para dentro da prática, uniu inovação e aplicabilidade no campo e consolidou uma visão de futuro pautada por sustentabilidade e bem-estar animal.

Celebrar os 20 anos da Feed&Food é também revisitar esse percurso paralelo, no qual informações qualificadas e soluções pioneiras se encontraram para preparar o setor para os desafios do presente e do futuro.

A liderança internacional da GRASP não foi alcançada de forma repentina. Segundo Kleber Dias Martins, gerente comercial, a trajetória baseou-se em consistência e proximidade. “Sempre trabalhamos com pesquisa, testando, aprendendo e ouvindo nossos clientes. Muitas vezes desenvolvemos soluções literalmente a quatro mãos, o que nos garantiu credibilidade dentro e fora do país”, ressalta. Esse modelo de atuação permitiu que uma empresa nascida no Brasil alcançasse mais de 90 países, levando inovação e reforçando a reputação nacional em produção animal.

Para Kleber, a confiança conquistada ao longo dos anos tornou-se ativo estratégico. “Cada produto lançado carrega a marca de uma construção sólida, guiada por resultados mensuráveis, sustentabilidade e impacto positivo no campo”, pontua.

**INOVAÇÃO COMO DNA.** Se o setor passou por uma revolução tecnológica, a GRASP não apenas acompanhou esse movimento — ela ajudou a moldá-lo. Carolina Cini Perry, coordena- ▶

dora de P&D, lembra que desde o início a empresa incorporou a inovação como princípio norteador. “A ideia sempre foi olhar para os novos desafios e trazer ferramentas tecnológicas para enfrentá-los. Nossa linha Mastersorb, nossos trabalhos com leveduras e seus derivados e a linha Activo, à base de óleos essenciais, são exemplos de como fomos pioneiros e seguimos com esse DNA até hoje”, discorre.

Essa capacidade de antecipar tendências e traduzi-las em soluções aplicáveis foi determinante para o fortalecimento do setor. Produtos que há duas décadas pareciam visionários tornaram-se referência e continuam evoluindo.

**TECNOLOGIA APLICADA AO CAMPO.** Para Rafael Canonenco de Araujo, gerente de P&D, inovação só faz sentido quando se traduz em resultado prático, e os diferenciais industriais da GRASP cumprem justamente esse papel. “Padronização de óleos essenciais, spray dryer, microencapsulamento ou autólise não são apenas discursos técnicos. No campo, significam animais mais saudáveis, melhor conversão alimentar, menor uso de antibióticos e impacto direto no bolso do produtor”, sublinha.

Essa conexão entre ciência e prática orienta toda a estratégia de P&D da GRASP. O trabalho multidisciplinar, que envolve veterinários, zootecnistas, químicos e engenheiros agrônomos, é reforçado por parcerias com universidades e centros de pesquisa de alcance internacional. A combinação garante que cada lançamento esteja apoiado em dados robustos, sem perder a aplicabilidade no dia a dia da produção.



“NOSSOS TRABALHOS COM DERIVADOS DE LEVEDURAS E A LINHA ACTIVO, À BASE DE ÓLEOS ESSENCIAIS, SÃO EXEMPLOS DE COMO FOMOS PIONEIROS E SEGUIMOS COM ESSE DNA ATÉ HOJE.” **CAROLINA CINI PERRY**, COORDENADORA DE P&D DA GRASP

**DE OLHO NO FUTURO.** O olhar para o futuro está inevitavelmente ligado à sustentabilidade e à promoção de uma produção animal mais eficiente. Carolina Cini Perry enfatiza que: “Trabalhamos para reduzir o uso de antibióticos e substâncias nocivas, apoiar a saúde e o bem-estar animal e aumentar a rentabilidade do produtor. Também buscamos eficiência no uso de insumos e soluções que contribuam para a menor liberação de CO<sub>2</sub> na cadeia de produção. Nosso objetivo é unir desempenho zootécnico, inovação e responsabilidade ambiental.”

Além da dimensão ambiental, o bem-estar animal também se tornou prioridade. Produtos voltados à redução do estresse favorecem a saúde dos animais e reduzem a necessidade de medicamentos, fortalecendo a pro-



“ACREDITAMOS QUE A IA SERÁ UM DIVISOR DE ÁGUAS NO SETOR. EM BREVE, ESTARÁ EM TODOS OS ELOS DA CADEIA, AJUDANDO PRODUTORES A TOMAR DECISÕES MELHORES E MAIS RÁPIDAS.” **RAFAEL CANONENCO DE ARAUJO**, GERENTE DE P&D DA GRASP

dução sob uma ótica mais responsável e alinhada às exigências do consumidor global. A certificação GMP+, conquistada pela empresa, complementa esse esforço ao garantir rastreabilidade e transparência em todas as etapas.

Entre as ferramentas que ganham espaço, a Inteligência Artificial já desponta como aliada. Rafael Canonenco observa que a tecnologia auxilia na análise de dados e na previsão de cenários. “Acreditamos que a IA será um divisor de águas no setor. Em breve, estará em todos os elos da cadeia, ajudando produtores a tomar decisões melhores e mais rápidas”, destaca. Embora a aplicação atual seja mais indireta,



a aposta na inovação digital reforça o compromisso em manter a vanguarda.

Os próximos 10 ou 20 anos prometem novos desafios, mas a GRASP reafirma sua essência. “O mercado pode esperar inovação que faça sentido, sempre com foco em substâncias naturais, seguras para os animais, para o meio ambiente e para o consumidor”, projeta Kleber Dias Martins. A visão de longo prazo se apoia no compromisso de manter-se como parceira do setor, oferecendo soluções alinhadas às demandas globais por qualidade, eficiência e responsabilidade ambiental.

**HISTÓRIAS QUE SE ENTRELAÇAM.** A trajetória internacional da GRASP reforça o papel do Brasil no cenário global. Para Kleber Martins, o país consolidou-se como referência em produção animal e tecnologia aplicada. “É motivo de orgulho sermos uma empresa brasileira que desenvolve soluções e as exporta. Somos um polo de inteligência em nutrição animal e o mundo reconhece isso”, enfatiza.

Na celebração dos 20 anos da Feed&Food, os porta-vozes da GRASP reconhecem uma conexão simbólica: enquanto a revista ajudou a disseminar informação qualificada, a empresa contribuiu com soluções inovadoras que transformaram a prática no campo. Rafael Canonenco resume: “A história da Feed&Food e da GRASP se entrelaça, porque crescemos juntos ao longo dessas duas décadas. Seguimos olhando para o futuro com a mesma essência: ciência, inovação e sustentabilidade”.



“SEMPRE TRABALHAMOS COM PESQUISA, TESTANDO, APRENDENDO E OUVINDO NOSSOS CLIENTES”. **KLEBER DIAS MARTINS**, GERENTE COMERCIAL DA GRASP



## AVICULTURA: A REVOLUÇÃO DA NUTRIÇÃO DE PRECISÃO

TECNOLOGIA, EFICIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE  
COMO MOTORES DE AVANÇO

A avicultura brasileira passou, nas últimas duas décadas, por uma verdadeira revolução nutricional, consolidando-se como referência mundial em eficiência. O setor foi capaz de unir ciência, inovação e prática de campo para atender tanto à crescente demanda global por proteína quanto às exigências de sustentabilidade.

Para Éverton Krabbe, pesquisador e chefe-geral da Embrapa Suínos e Aves, três grandes pilares marcaram esse período: a evolução das análises rápidas de ingredientes, como o uso de espectroscopia no infravermelho próximo (NIR), a definição precisa das exigên-

cias nutricionais e a adoção da lógica da nutrição de precisão. Essa combinação transformou o modo de formular dietas, elevando a eficiência produtiva e reduzindo impactos ambientais.

O NIR, por exemplo, permitiu que fábricas de ração ajustassem em tempo real a qualidade dos insumos, garantindo dietas mais homogêneas e previsíveis. Já os estudos de exigências nutricionais resultaram em recomendações mais adequadas para diferentes fases produtivas, reduzindo desperdícios. “Foi a soma de tecnologia e ciência aplicada que mudou a avicultura”, discorre Krabbe.

Outro avanço decisivo ▶

foi a adoção do conceito de proteína ideal, associado ao uso de aminoácidos industriais. Essa prática permitiu reduzir os teores de proteína bruta nas rações sem comprometer desempenho, diminuindo a excreção de nitrogênio e tornando a atividade menos poluente. A estratégia se fortaleceu com enzimas como fitases, proteases e carbohidrases, que aumentaram a digestibilidade dos nutrientes, melhoraram a saúde intestinal e reduziram o custo por quilo de carne ou dúzia de ovos produzidos.

Também houve evolução no uso de minerais. A substituição gradual de fontes inorgânicas por orgânicas, mais biodisponíveis, reduziu a excreção de elementos como fósforo e zinco, ao mesmo tempo em que fortaleceu a imunidade das aves. Esse movimento foi acompanhado pela busca por dietas mais equilibradas em vitaminas e microminerais, considerando fatores de estresse, ambiência e genética.

Outro capítulo importante da história recente da avicultura foi a redução do uso de antimicrobianos como promotores de crescimento. A pressão de mercados internacionais e da sociedade exigiu alternativas. Nesse contexto, aditivos como probióticos, prebióticos, ácidos orgânicos, óleos essenciais e extratos vegetais ganharam espaço. “A mudança reduziu riscos de resistência bacteriana e reforçou a saúde intestinal, ampliando a confiança do consumidor”, ressalta Krabbe.

Os reflexos dessa transformação podem ser medidos em números. Frangos de corte se tornaram mais eficientes, com conversões alimentares historicamente baixas, enquanto poedeiras ampliaram sua vida produtiva de 80 para mais de 100 semanas. O resultado foi mais carne e mais ovos produzidos com menor consumo de ração e menor pegada ambiental.

A sustentabilidade também esteve no centro do processo. Ingredientes alternativos, co-



“ESSA COMBINAÇÃO TRANSFORMOU O MODO DE FORMULAR DIETAS, ELEVANDO A EFICIÊNCIA PRODUTIVA E REDUZINDO IMPACTOS AMBIENTAIS.” **ÉVERTON KRABBE**, PESQUISADOR E CHEFE-GERAL DA EMBRAPA SUÍNOS E AVES

mo sorgo e DDGs, passaram a ser incorporados, garantindo resiliência ao sistema e reduzindo a dependência exclusiva do milho e da soja. Além disso, práticas de formulação mais precisas diminuíram a excreção de fósforo e nitrogênio, aliviando a pressão ambiental.

Olhando para frente, a nutrição de precisão deve ser ainda mais refinada. Krabbe destaca tendências como o uso de Inteligência Artificial, dietas ajustadas diariamente às condições de ambiência, nanotecnologia aplicada à entrega de nutrientes e a nutrição perinatal, que já se mostra promissora para aves mais saudáveis e produtivas ao longo da vida.

Para o pesquisador, o desafio será democratizar essas inovações, garantindo que não fiquem restritas a sistemas altamente tecnificados. “Precisamos traduzir a ciência em soluções acessíveis, que contemplem a diversidade da produção avícola nacional e que mantenham o Brasil competitivo, sustentável e protagonista na oferta de proteína animal ao mundo.”

## SUÍNOS: NUTRIÇÃO COMO ALIADA DA EFICIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE

ESTRATÉGIAS PRECISAS  
PARA SAÚDE INTESTINAL  
E REDUÇÃO DE IMPACTOS

A suinocultura brasileira viveu, nas últimas duas décadas, uma transformação silenciosa e profunda. Se antes a nutrição era vista apenas como ferramenta de ganho de peso, hoje ela é encarada como estratégia de eficiência produtiva, saúde intestinal e sustentabilidade ambiental.

Para Henrique Lobato, professor substituto da UFMG e doutorando em Zootecnia, o avanço mais marcante foi o refinamento das curvas nutricionais. Esse processo permitiu formular dietas ajustadas por fase de crescimento, evitando excessos e deficiências. “O ajuste fino garante desempenho, reduz custos e diminui a excreção de nutrientes para o ambiente”, sublinha.

A redução da proteína bruta nas dietas talvez tenha sido o grande divisor de águas. Amparada no conceito de proteína ideal e no uso de aminoácidos industriais, a estratégia diminuiu o aporte de nitrogênio e reduziu drasticamente sua excreção. Além do impacto ambiental positivo, a mudança melhorou o equilíbrio intestinal, favorecendo a saúde dos animais e seu aproveitamento de energia.

As enzimas tiveram papel decisivo nesse processo. Proteases e carbohidrases aumentaram a digestibilidade de proteínas e carboidratos, liberando nutrientes antes indisponíveis e reduzindo a competição por substra-

tos no trato digestivo. Essa evolução trouxe reflexos diretos no desempenho e também na redução de diarreias em leitões.

Outro marco foi o uso ampliado de fitases em doses superavaliadas. A tecnologia permitiu maior aproveitamento do fósforo presente nos vegetais, reduziu a necessidade de fosfatos inorgânicos e melhorou a absorção de aminoácidos, minerais e energia. Essa combinação de ganhos consolidou a suinocultura brasileira como referência global em nutrição de precisão.

Nos últimos anos, o foco voltou-se também para a imunidade. Minerais orgânicos e derivados da vitamina D passaram a ganhar espaço, sobretudo em sistemas com genéticas de crescimento rápido e maior exigência metabólica. Eles se mostraram aliados na resistência ao estresse térmico e no fortalecimento do esqueleto, reduzindo problemas locomotores e aumentando a longevidade produtiva.

O movimento de retirada dos antimicrobianos como promotores de crescimento desafiou o setor a buscar alternativas. Nesse vácuo, surgiram soluções co-



"O AJUSTE FINO GARANTE DESEMPENHO, REDUZ CUSTOS E DIMINUI A EXCREÇÃO DE NUTRIENTES PARA O AMBIENTE."

**HENRIQUE LOBATO**, PROFESSOR DA UFMG E DOUTORANDO EM ZOOTECNIA

mo probióticos, prebióticos, ácidos orgânicos, óleos essenciais e extratos vegetais. "A nutrição funcional passou a ser vista como parte do programa de saúde, não apenas como suporte de desempenho", destaca Lobato.

Essas estratégias alinham-

-se às demandas dos mercados consumidores, cada vez mais atentos à sustentabilidade e à redução de riscos de resistência antimicrobiana. Além disso, trouxeram ganhos para o produtor, que passou a contar com animais mais equilibrados, menos dependentes de antibióticos e com desempenho mais consistente.

Olhando para frente, Lobato acredita que a nutrição suína caminhará para modelos ainda mais individualizados. Inteligência artificial e automação deverão permitir ajustes em tempo real de dietas, de acordo com genética, idade, ambiência e condição de saúde. Ingredientes alternativos e aditivos de nova geração devem reforçar a agenda de sustentabilidade, enquanto o manejo nutricional terá papel central na redução das emissões e no uso racional dos recursos.

"A nutrição deixou de ser apenas motor de desempenho para se tornar ferramenta estratégica de sustentabilidade. O equilíbrio entre eficiência, saúde animal e preservação ambiental será o eixo central dos próximos 20 anos da suinocultura", conclui.



# BOVINOS DE CORTE: INTENSIFICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA NUTRIÇÃO

EFICIÊNCIA ALIMENTAR, NOVOS INGREDIENTES E MITIGAÇÃO DE METANO

A pecuária de corte brasileira intensificou-se nas últimas duas décadas, e a nutrição acompanhou esse movimento, moldando sistemas mais produtivos e, ao mesmo tempo, pressionados pela agenda ambiental. Para **Victor Fonseca**, coordenador técnico de bovinos da MCassab, a evolução foi marcada por três grandes eixos: precisão energética e proteica, avanços minerais e vitamínicos e maior uso de aditivos.

No campo da energia, a adoção de métricas mais sofisticadas, como a energia líquida de ganho, refinou as formulações, substituindo indicadores mais genéricos. Já no quesito proteína, a proteína degradável no rúmen (PDR) manteve-se como parâmetro central, por sua importância na síntese de proteína microbiana – pilar da nutrição dos ruminantes. Levantamentos com nutricionistas de confinamento mostram, porém, uma mudança gradual: o consumo de PDR aumentou levemente ao longo dos anos, acompanhando o crescimento da ingestão de matéria seca.

Os avanços em suplementação mineral foram decisivos. Com a consolidação das quatro edições do BR-Corte, o cálculo das exigências passou a considerar o conceito de retenção verdadeira, ajustando as recomendações de sódio, enxofre, magnésio, potássio e outros minerais. A substituição parcial de minerais inorgânicos por orgânicos trouxe ganhos de biodisponibilidade, com reflexos positivos na digestibilidade da fibra e no desempenho. Vitamina A, D e E também tiveram ajustes importantes, alinhando as dietas brasileiras a recomendações internacionais.

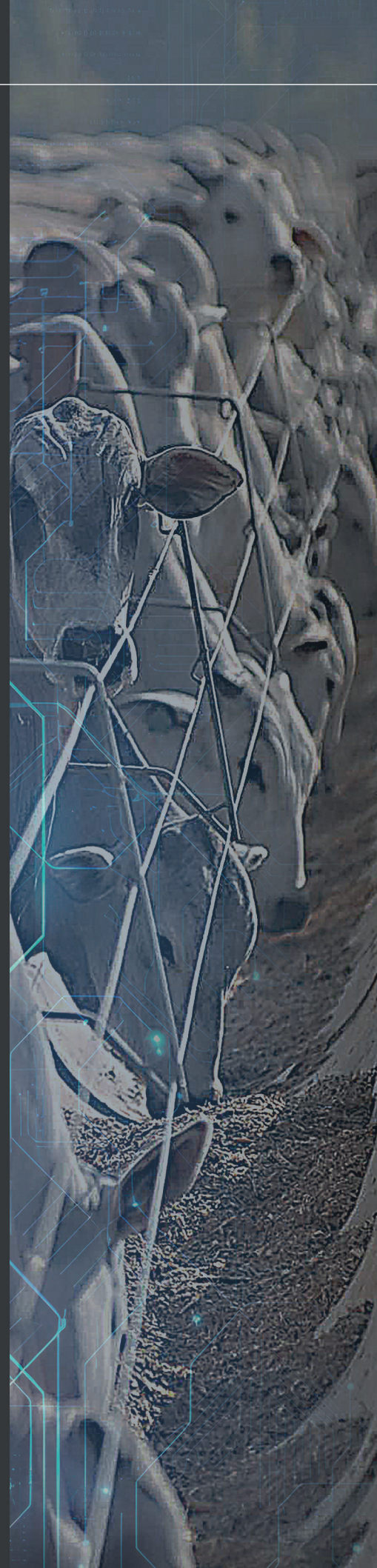
A intensificação dos confinamentos ilustra bem essa trajetória. Em

2009, menos de 20% dos nutricionistas recomendavam dietas com 80% ou mais de concentrado. Em 2025, esse número já superava 70%. A mudança veio acompanhada do uso consistente de subprodutos – do caroço de algodão ao DDG –, reforçando a competitividade da atividade.

Os aditivos se tornaram presença quase universal. Ionóforos, como a monensina, foram os mais utilizados, sustentados por décadas de evidências científicas. Estudos indicam ganhos de até 6% em eficiência alimentar, além de efeitos consistentes sobre consumo e ganho de peso. Mais recentemente, leveduras e óleos essenciais começaram a ganhar espaço como aditivos secundários, oferecendo novas ferramentas para o manejo da fermentação ruminal.

A agenda ambiental também influenciou fortemente a formulação. A redução da emissão de metano entérico passou a ser pauta recorrente. Aditivos moduladores da fermentação, combinados com maior uso de suplementos farelados, vêm diminuindo a proporção de substratos para a metanogênese. Na prática, isso se traduz em animais mais eficientes, com menor emissão por quilo de carne produzida.

O futuro aponta para um caminho inevitável: nutrição associada à sustentabilidade. Novos ingredientes alternativos, aditivos de baixo impacto e programas de intensificação integrados a métricas de carbono devem ganhar protagonismo. “A pecuária de corte seguirá sendo desafiada a produzir mais com menos. A nutrição é a chave para equilibrar produtividade, custos e pegada ambiental”, ressalta Fonseca.



# BOVINOS DE LEITE: NUTRIÇÃO DE PRECISÃO COMO MOTOR DE PRODUTIVIDADE E SUSTENTABILIDADE

EFICIÊNCIA ALIMENTAR, SAÚDE INTESTINAL E REDUÇÃO DE IMPACTOS AMBIENTAIS

A pecuária leiteira brasileira passou por uma transformação profunda nas últimas duas décadas. Se antes a nutrição era vista basicamente como suporte à produção, hoje ela é ferramenta estratégica para desempenho, saúde do rebanho e sustentabilidade. A pesquisa, liderada pela Embrapa Gado de Leite, foi fundamental para consolidar tecnologias e práticas que tornaram o setor referência global.

Para Cesar Garbossa, professor e pesquisador da área de nutrição de ruminantes, três avanços marcaram esse período: a nutrição de precisão, o balanceamento avançado de rações e o manejo nutricional integral. “Hoje, cada vaca pode receber uma dieta ajustada à sua fase de lactação e condição corporal, com otimização de proteína, energia e fibras”, explica.

A nutrição de precisão vai além de fornecer calorias e proteínas: ela busca maximizar a digestão e absorção de nutrientes, reduzir perdas e impactos ambientais. O ajuste da proteína degradável e não degradável no rúmen, o balanceamento de aminoácidos essenciais e a proporção entre carboidratos fibrosos e não fibrosos são agora padrão em fazendas de alta produtividade. O uso estratégico de aditivos também fortaleceu a saúde intestinal e melhorou a eficiência alimentar, refletindo diretamente na produção de leite.

O efeito sobre a sustentabilidade é evidente. Estudos da Embrapa Pecuária Sudeste mostram que dietas balanceadas aumentam a produtividade e reduzem a excreção de nitrogênio e fósfo-

ro, minimizando riscos de contaminação do solo e da água. A nutrição de precisão, aliada a estratégias de manejo, diminui a pegada ambiental da produção de leite, tornando o setor mais competitivo e responsável.

O manejo nutricional integral é outro diferencial. Condição corporal no pré-parto, qualidade da forragem, água disponível, conforto animal e manejo do cocho influenciam diretamente o consumo de alimentos e a saúde do rebanho. A atenção a esses detalhes é determinante para transformar sistemas medianos em

**O AJUSTE DA PROTEÍNA DEGRADÁVEL E NÃO DEGRADÁVEL NO RÚMEN, O BALANCEAMENTO DE AMINOÁCIDOS ESSENCIAIS E A PROPORÇÃO ENTRE CARBOIDRATOS FIBROSOS E NÃO FIBROSOS SÃO AGORA PADRÃO EM FAZENDAS DE ALTA PRODUTIVIDADE**

operações de alta performance.

O futuro aponta para ainda mais inovações. Inteligência artificial, monitoramento individual de animais e métricas de bioeficiência alimentar prometem refinar ainda mais a nutrição de precisão. “O objetivo é aumentar a produtividade e a economicidade sem abrir mão do bem-estar animal e da sustentabilidade”, destaca Garbossa. Com essas estratégias, a pecuária leiteira brasileira reforça seu papel como referência mundial em produção de leite eficiente, tecnológica e ambientalmente responsável.



# AQUICULTURA: A NUTRIÇÃO COMO MOTOR DA CONSOLIDAÇÃO

INGREDIENTES ALTERNATIVOS, IMUNIDADE E AUTOMAÇÃO NO HORIZONTE

A aquicultura brasileira é jovem se comparada às cadeias tradicionais de proteína, mas viveu avanços impressionantes nos últimos 20 anos. A introdução das rações extrusadas foi um divisor de águas, melhorando a digestibilidade, reduzindo a lixiviação de nutrientes e elevando a conversão alimentar de 1,8–3,0 para 1,0–1,5. “Esse processo foi determinante para a industrialização da cadeia e para a qualidade da água”, destaca Ana Paula Rodrigues, da Embrapa.

A ciência teve papel central. Estudos sobre aminoácidos digestíveis e o conceito de proteína ideal permitiram reduzir a concentração proteica das dietas sem perda de desempenho, além de diminuir a excreção de nitrogênio. Para espécies como tambaqui e pirarucu, a Embrapa avançou em coeficientes de digestibilidade e na relação proteína:energia, fornecendo bases sólidas para formulações mais precisas.

A substituição da farinha de peixe por fontes vegetais e coprodutos tornou-se desafio e, ao mesmo tempo, oportunidade. O farelo de soja assumiu protagonismo, mas trouxe consigo fatores antinutricionais, como fitatos e inibidores de tripsina. Para contornar limitações, ganharam espaço estratégias como fermentação, uso de aminoácidos cristalinos e inclusão de concentrados proteicos e leveduras. “Não existe ingrediente perfeito, mas sim combinações seguras que conciliam custo, desempenho e sustentabilidade”, discorre Luiz Eduardo Freitas, da Embrapa Cerrados.

A saúde dos peixes também passou a receber atenção especial. Vitaminas C e E, microminerais e beta-glucanos de leveduras consolidaram-se como aditivos com efeitos consistentes na resistência a estresses e doenças. Extratos vegetais, como óleos essenciais, surgiram como alternativas, embora com variabilidade nos resultados devido à falta de padronização.

O impacto da nutrição na qualidade do filé tornou-se evidente. Dietas balanceadas aumentam número e tamanho de fibras musculares, resultando em textura firme e maior vida de prateleira. Em contrapartida, rações de baixa qualidade comprometem a consistência, elevam o teor de gordura e favorecem o “off-

-flavor” associado ao gosto de barro.

Do ponto de vista ambiental, a nutrição assumiu papel estratégico. O uso de proteína ideal reduziu até pela metade a excreção de nitrogênio, enquanto o manejo adequado do fósforo mostrou-se crucial. Espécies como o tambaqui revelaram capacidade de aproveitar melhor fontes vegetais, questionando a necessidade de altos níveis de fosfato inorgânico. Em tilápias, a fitase exógena tornou-se aliada para melhorar digestibilidade e reduzir poluição.

O futuro aponta para a união entre nutrição de precisão e automação. Sensores, câmeras e alimentadores inteligentes começam a chegar à tilapicultura e à carnicultura, ajustando dietas em tempo real. Ingredientes alternativos, como farinhas de insetos, macroalgas e proteínas unicelulares, já são estudados como potenciais substitutos sustentáveis. “A próxima década será marcada por maior integração entre genética, nutrição e tecnologia, com sistemas multitróficos otimizando o uso de recursos naturais”, prevê Rodrigues. ■

**ANA PAULA RODRIGUES,**  
PESQUISADORA  
DA EMBRAPA  
AQUICULTURA

**LUIZ EDUARDO FREITAS,**  
DA EMBRAPA  
CERRADOS





# HUVEPHARMA®: 25 ANOS DE INOVAÇÃO A SERVIÇO DA PRODUÇÃO ANIMAL MODERNA

**C**om mais de 50 anos de conhecimento acumulado em processos de fermentação e síntese, a Huvepharma® consolidou uma trajetória de 25 anos de atuação global no desenvolvimento de soluções que atendem diretamente às necessidades da produção animal.

Nosso portfólio nasce do entendimento de que cada produto precisa gerar resultado real dentro da granja ou da fazenda. Por isso, cada etapa do processo — da pesquisa à produção industrial — é conduzida com rigor técnico, rastreabilidade e tecnologia de ponta, garantindo qualidade, eficiência e segurança no uso a campo.

Hoje, contamos com uma das maiores plantas de fermentação do mundo, localizada em Peshtera, na Bulgária, com capacidade instalada de 10.000 m<sup>3</sup>. Contando com essa estrutura, a Huvepharma® opera cinco unidades produtivas na Europa e cinco nos Estados Unidos, somando dez fábricas em funcionamento. Essa rede garante uma capacidade de síntese química de 700 m<sup>3</sup>, assegurando escala, padronização e disponibilidade de produtos para diferentes sistemas de produção.

Essa presença global, em mais de 90 países, nos permite ter contato próximo com diferentes modelos de pecuária e identificar de forma prática os principais desafios enfrentados

pelos produtores. Esse aprendizado é constantemente incorporado ao desenvolvimento do nosso portfólio, resultando em soluções modernas, eficazes e adaptadas às demandas de desempenho zootécnico, biossegurança e sustentabilidade.

No Brasil, estamos presentes há 15 anos, sempre com foco em levar inovação e proximidade técnica ao produtor. Nossa atuação no país tem como base uma equipe especializada, que entende os desafios da produção de aves, suínos e bovinos, e trabalha para entregar ferramentas que contribuam para maior eficiência alimentar, melhor conversão zootécnica e rentabilidade no campo.

Ao longo dessas duas décadas e meia, a fórmula da Huvepharma® se mantém a mesma: ciência aplicada, processos industriais robustos e compromisso em gerar resultados sustentáveis. Essa combinação é o que nos permite apoiar o produtor na tomada de decisão, oferecendo produtos e tecnologias que fazem diferença no dia a dia da produção.

Huvepharma®. Tecnologia que promove saúde animal, desempenho e sustentabilidade. ■

**Marcos Paulo Branco**  
Médico Veterinário,  
Presidente da Huvepharma no Brasil

# QUATRO DÉCADAS E MEIA DE PIONEIRISMO E INOVAÇÃO

COM DNA CIENTÍFICO E FOCO EM BIOTECNOLOGIA, **IMEVE** AMPLIA FRONTEIRAS  
E PROJETA O FUTURO DA PRODUÇÃO ANIMAL SUSTENTÁVEL

**CAMILA SANTOS**

camila@dc7comunica.com.br



Fundada em 1980, em Jaboticabal (SP), a IMEVE S.A. - Saúde e Biotecnologia em Nutrição Animal - nasceu do sonho de dois professores universitários visionários. Foi a união de conhecimentos do Prof. Dr. Fernando Ávila, microbiologista e do Prof. Dr. Alvimar Costa, parasitologista. Em uma época em que pouco se falava sobre probióticos, sobretudo na pecuária, a empresa enxergou um novo nicho de mercado e apostou na produção de soluções altamente técnicas e inovadoras.

O caminho, no entanto, não foi simples. O maior desafio naquele início foi convencer o setor da importância e eficácia dos probióticos. Em um cenário no qual a ideia de “bactérias do bem” soava estranha, era necessário comprovar, dia após dia, os benefícios que esses micro-organismos poderiam trazer para a produção animal. “Eram desafios diários, que exigiam extrema dedicação dos pesquisadores envolvidos”, recorda Fernanda Ávila, diretora da IMEVE.

Com perseverança e muito trabalho, a IMEVE foi derrubando preconceitos, conquistando clientes de forma próxima e direta, “de porta em porta”, e mostrando que seus produtos eram eficazes. O reconhecimento veio em diferentes etapas da trajetória, mas 2012 marcou um ponto de virada: a ampliação da área fabril, a contratação de novos funcionários e o lançamento de novas tecnologias abriram um novo ciclo de crescimento.

A localização privilegiada, pró-

xima à Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, também contribuiu para essa evolução. Afinal, a IMEVE nasceu na universidade e carrega em seu DNA o compromisso com a pesquisa e desenvolvimento (P&D). Essa vocação resultou em parcerias com instituições nacionais e internacionais, que seguem fortalecendo a criação de produtos modernos e alinhados às demandas do setor.

Ao longo dessas mais de quatro décadas, a empresa se consolidou com base em pilares que permanecem inalterados: ambiente familiar, respeito, trabalho em equipe, inovação e qualidade. Esses valores, aliados à capacidade de adaptação e ao investimento constante em pesquisa, sustentaram a trajetória que hoje completa 45 anos.

**CONQUISTAS E REALIDADE ATUAL.** Quarenta e cinco anos após sua fundação, a IMEVE reafirma sua posição como uma das empresas mais inovadoras do mercado de saúde e nutrição animal. O grande diferencial competitivo está na legítima detenção da tecnologia em fermentação e liofilização de bactérias ruminais. Suas cepas exclusivas, registradas no Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) e depositadas em coleção de cultura oficial, garantem segurança, credibilidade e valor agregado aos produtos.

O portfólio da empresa, hoje bastante diversificado, é resultado de uma filosofia que une tradição e modernidade. “A pesquisa científica permanece como essência do negócio, guiando a criação de soluções que acompanham as necessidades do mercado. Essa postura permite que a IMEVE mantenha sua identidade pioneira, ao mesmo tempo em que se

adapta a novas demandas e padrões de produção”, diz Gustavo Costa, diretor da IMEVE.

Entre essas demandas, está a consolidação dos probióticos como alternativa sustentável à antibioticoterapia promotora de crescimento.

A IMEVE tornou-se referência nesse campo, defendendo o papel estratégico dos micro-organismos benéficos na promoção de uma produção animal mais responsável. “Os probióticos já se consolidaram como um aditivo seguro, eficaz e sustentável. É um caminho definitivo. O consumidor exige alimentos livres de resíduos e a IMEVE pode proporcionar essa alternativa ao mercado produtor”, destaca Wellington Rossitto, gerente nacional de vendas.

Com atuação em escala nacional e interna- ▶



## LINHA DO TEMPO - 45 ANOS DA IMEVE

# 1980

Fundação da IMEVE, em Jaboticabal (SP), a partir do sonho de dois professores universitários visionários. Nascimento da empresa **com foco em probióticos**, tecnologia então desconhecida na agropecuária.

### ANOS 1980-1990

Consolidação no mercado nacional, com trabalho de divulgação “de porta em porta”, quebrando preconceitos e **comprovando os benefícios das “bactérias do bem” para a produção animal.**

### 2000-2010

Expansão do portfólio e **parcerias com universidades nacionais e internacionais** para pesquisa e desenvolvimento de novos produtos.



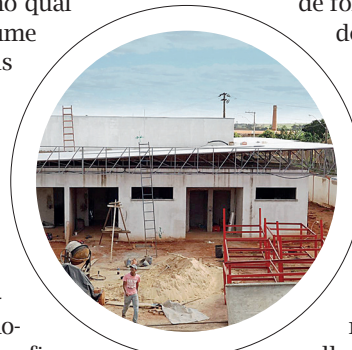
cional, a companhia também se destaca pela capacidade de atender a diferentes perfis de clientes. Atualmente, são mais de 45 contratos de marcas próprias e terceirizações, envolvendo soluções para diversas espécies animais. Além disso, a IMEVE exporta seus produtos para mais de 15 países, ampliando sua presença global sem perder o DNA 100% brasileiro.

**INOVAÇÃO E PERSPECTIVAS.** Com uma trajetória marcada pela pesquisa e pioneirismo, a IMEVE tem metas ambiciosas para os próximos anos. O grande objetivo é consolidar-se como laboratório de referência na produção de micro-organismos, reforçando a expertise em probióticos e expandindo sua atuação para novas frentes. Entre os focos estratégicos estão a pesquisa de aditivos exclusivos para animais de produção – como bovinos, aves, suínos, peixes e camarões –, soluções voltadas para pets, inoculantes de silagem com bactérias específicas e o desenvolvimento de medicamentos inovadores para ampliar o portfólio de saúde animal.

O compromisso com a sustentabilidade e o bem-estar animal segue co-

mo prioridade. A empresa é certificada com o selo de Bem-Estar Animal em bovinos, suínos e aves e se destaca como a primeira e única companhia da América Latina a conquistar a certificação também para peixes e camarões. Essa conquista reforça a seriedade da IMEVE em alinhar suas práticas às demandas globais por responsabilidade produtiva e alimentar.

Em um cenário no qual a biotecnologia assume papel cada vez mais central, a empresa aposta em sua especialidade: a produção de bactérias probióticas por meio de processos avançados de liofilização e concentração. “A biotecnologia visa aumentar a eficiência da produção, melhorar a qualidade dos alimentos de origem animal e fortalecer a sustentabilidade do sistema. Estamos conscientes desse movimento e investindo na ampliação da nossa capacidade produtiva para atender à demanda crescente”, destaca Gustavo Costa.



Entre os projetos de expansão já em andamento, estão a construção de novos setores para produção de produtos em pasta e líquido para alimentação animal, a instalação de uma unidade dedicada a aditivos em pó, a criação de um moderno laboratório de P&D e a ampliação do espaço de expedição. Além disso, a empresa firmou parceria com uma instituição

de fomento para acelerar o desenvolvimento de novos produtos, mirando crescimento sólido tanto no mercado nacional quanto internacional.

Ao celebrar seus 45 anos, a IMEVE deixa uma mensagem clara para o futuro: “trabalho em equipe, respeito, criatividade, responsabilidade e empatia continuarão guiando sua trajetória”, declara Fernanda Ávila. Com base sólida, história de sucesso e forte investimento em inovação, a empresa se prepara para um crescimento sustentável e exponencial, rumo aos próximos 45 anos. ■

**2012**

Marco de crescimento: **ampliação da área fabril**, contratação de novos colaboradores e lançamento de novas tecnologias.

**2015-2020**

Fortalecimento da atuação internacional, **com exportação de produtos para diferentes continentes** e contratos de terceirização de marcas próprias.

**2020-2024**

Reconhecimento em sustentabilidade: **certificações de Bem-Estar Animal para bovinos, aves e suínos**, além de ser a primeira empresa da América Latina com o selo também para peixes e camarões.

**2025 EM DIANTE**

Obras de expansão em andamento: novos setores para produção de aditivos em pasta, líquido e pó, laboratório de P&D e centro de expedição. Consolidação da IMEVE como **laboratório de referência em micro-organismos**, com foco em **inovação e internacionalização**.

Em 2025 a Imeve S.A. celebra, com orgulho, seu 45º aniversário, marcando quase meio século de dedicação à inovação e ao desenvolvimento de soluções avançadas em saúde e nutrição animal.

**Imeve**<sup>®</sup>



**Soluções que transformam vidas.**

# TAKE 6: FORÇA TRANSFORMADORA DA AVICULTURA

COM MAIS DE DUAS DÉCADAS DE HISTÓRIA, **UNIFRANGO** CONSOLIDOU UM MODELO ÚNICO DE NEGÓCIOS QUE ALIA COMPETITIVIDADE, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE, TORNANDO-SE UMA DAS MAIORES FORÇAS DO SETOR NO PAÍS

**CAMILA SANTOS, DE MARINGÁ (PR)**  
camila@dc7comunica.com.br

**C**riada em 2001 com o objetivo de oferecer melhores oportunidades de negócios a pequenos e médios avicultores do Paraná e de outros municípios do Brasil, a Unifrango consolidou-se como uma empresa de referência no setor avícola. Desde sua fundação, atua com excelência no atendimento aos mercados nacional e internacional, destacando-se pelo suporte em toda a cadeia: comercialização, produção, armazenamento, logística nacional e internacional, exportação e inteligência de negócios.

Ao longo de sua trajetória, a companhia se posicionou como uma geradora de valor, acreditando na soma de volumes e no fortalecimento de alianças para explorar oportunidades e alcançar posições de destaque no agronegócio. Entre as principais frentes de atuação estão a intermediação de compras em conjunto (procurement), o gerenciamento e suporte ao cliente e ao fornecedor, e o fortalecimento de relações comerciais baseadas em confiança, confidencialidade e profundo conhecimento das necessidades de cada parceiro.

Essa estratégia permitiu que a Unifrango construísse um relacionamento sólido com clientes e fornecedores, atuando no equilíbrio das relações de mercado e incentivando o crescimento mútuo. Mais do que uma empresa de intermediação, tornou-se uma parceira estratégica, reconhecida pela capacidade de oferecer soluções de negócios que ampliam a competitividade de seus associados e clientes.

**UMA HISTÓRIA DE EXPANSÃO E INOVAÇÃO.** A trajetória da Unifrango é marcada por etapas decisivas. Apenas um ano após sua criação, em 2002, iniciou

a intermediação de insumos básicos para a avicultura. Em 2005, passou a atuar também na intermediação de vendas de frango abatido para o mercado interno, e no ano seguinte expandiu para as exportações, abrindo portas para o comércio internacional.

Em 2011, deu início à construção de seu Centro de Distribuição (CD) em Apucarana (PR), que começou a operar em 2013, fortalecendo ainda mais sua presença logística. A partir de 2014, ampliou o modelo de negócios para empresas não acionistas, inaugurando uma nova fase de expansão.

Os anos seguintes foram marcados por novos serviços, expansão de clientes e crescimento da capacidade logística: em 2019, o CD foi ampliado para 12 mil posições, e em 2022 alcançou 17,5 mil posições, consolidando-se como um dos maiores e mais modernos centros do setor.

Atualmente, a Unifrango é uma S/A de capital fechado com 20 acionistas, responsável por um dos maio-

res complexos avícolas do Brasil. Está entre os três maiores abatedouros de aves do país, com capacidade de abate de 2,4 milhões de aves por dia, além de ser o maior produtor comercial de pintos de um dia, com produção diária de 2,2 milhões de unidades.

Ao adotar o modelo de gestão “capitalista-cooperativista”, abriu espaço em 2013 para clientes não acionistas, fortalecendo sua rede de atuação e ampliando a competitividade de toda a cadeia. Esse movimento consolidou a empresa como um agente transformador, capaz de unir escalas de produção, eficiência logística e inteligência comercial para garantir protagonismo no agronegócio brasileiro.

**A HISTÓRIA PELA VOZ DA LIDERANÇA.** À frente da Unifrango desde a sua consolidação, o diretor-presidente Hugo Bongiorno acompanha de perto a evolução da empresa e o impacto que ela exerce no setor avícola brasileiro. Reeleito em junho de 2025 para mais um mandato de três anos, Bongiorno também atua como dire- ▶

**HUGO BONGIORNO,**  
DIRETOR-  
PRESIDENTE DA  
UNIFRANGO



tor da Avenorte e reforça o compromisso de impulsionar o crescimento da avicultura no Paraná e no Brasil.

Segundo ele, a Unifrango nasceu em 2001 da união de pequenos abatedouros, incubatórios e matrizeiros que buscavam competitividade em um mercado dominado por poucas e grandes empresas. “Se não houvesse essa união, dificilmente esses produtores teriam conseguido crescer e se desenvolver”, relembra. O modelo, pautado no cooperativismo empresarial, garantiu robustez, maior poder de negociação na compra de insumos e a criação de estruturas estratégicas, como o Centro de Distribuição (CD) de Apucarana, hoje o segundo maior do Paraná.

Com essa base, a Unifrango alcançou posição de destaque: tornou-se o terceiro maior abatedouro de aves do Brasil, com abate de 2,4 milhões de cabeças por dia, além de se consolidar como o maior produtor de pintos de um dia do país, com 2,2 milhões de unidades/dia. Atualmente, a empresa reúne 19 acionistas e cerca de 200 colaboradores diretos, além de outros 300 a 400 indiretos, distribuídos entre o escritório corporativo de Maringá e o CD de Apucarana.

Em termos de desempenho econômico, Bongiorno destaca que a Unifrango cresce, em média, 10% ao ano, com faturamento anual em torno de R\$ 70 milhões. “Somos um serviço de suporte à cadeia produtiva, o que garante resultados consistentes e um EBITDA expressivo”, afirma. Entre os diferenciais, cita a posição da companhia como o terceiro maior pool de containers refrigerados do Brasil, com a contratação mensal de cerca de 3 mil unidades para exportação de aves, bovinos, suínos, peixes e frutas.

O papel da Unifrango, como enfatiza Hugo, vai além da avicultura. A



empresa oferece suporte em logística, embalagens, armazenagem e exportação para diferentes cadeias de proteína e até para frutas e polpa de laranja. “Hoje, a Unifrango não é mais apenas frango. Globalizamos nosso portfólio e nos tornamos referência em serviços de apoio à exportação e à indústria de alimentos”, resume.

Essa ampliação se reflete também no investimento em conhecimento e capacitação. Em 2024, a empresa firmou parceria com a Unicesumar para a criação do primeiro MBA em Avicultura do Brasil, reunindo mais de 30 empresas em torno de trocas de experiências, dados e estratégias. “O network e o benchmark foram tão valiosos quanto o conteúdo. Isso fortaleceu ainda mais a relação entre as empresas”, ressalta.

Outro pilar estratégico é a sustentabilidade. A Unifrango mantém comitês temáticos, como os de RH, Suprimentos e Sustentabilidade, que discutem desafios de mão

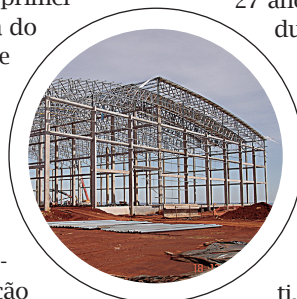
de obra, questões trabalhistas e práticas ambientais. “O impacto na região é muito grande. A avicultura ajudou a transformar Maringá em um polo de desenvolvimento e qualidade de vida”, pontua o presidente.

### LIDERANÇA COM RAÍZES NO CAMPO.

Além de presidente da Unifrango, Hugo Bongiorno carrega uma trajetória profundamente conectada à avicultura. Filho de um dos fundadores da Guibon, empresa em que atua há 27 anos, assumiu a direção industrial após o falecimento

do pai e hoje divide sua rotina entre os desafios da indústria em Cianorte (PR) e a presidência da Unifrango.

“Estou no meu segundo mandato de três anos, ao lado da Olivetti, nossa diretora de fomento, e do Dr. Domingos, diretor administrativo-financeiro. Tem sido um aprendizado constante. Estar aqui me enriquece muito, pela oportunidade de conhecer novas pessoas e pelo que esse evento representa



## LINHA DO TEMPO

# 2001

Nasce a Unifrango

# 2002

Intermediação de insumos básicos avicultura

# 2005

Intermediação vendas frango abatido mercado interno

# 2006

Início venda frango abatido exportação

# 2011

Importação de As's e comercialização para acionistas. **Início da construção do Centro de Distribuição de Apucarana**

em termos de credibilidade”, destaca.

O evento citado por Hugo é em referência a décima edição do Encontro Unifrango, promovido pela companhia e que foi considerado por ele e pelos participantes como um marco de superação. De acordo com ele, após as dificuldades impostas pela pandemia e a queda de receitas, a retomada parecia incerta. No entanto, a edição recente demonstrou a força do setor: de pouco mais de 20 estandes no passado, o encontro saltou para 44 neste ano, atingindo público de 1,5 a 2 mil pessoas e consolidando-se como um espaço de referência para a avicultura. “Foi o primeiro ano em que precisamos encerrar as inscrições e até negar estandes. Isso mostra a grandeza do agronegócio, em especial da avicultura do Paraná e da região de Maringá”, observa o presidente.

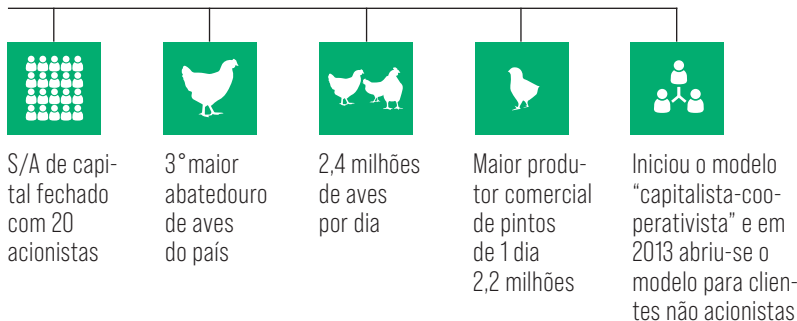
**UM LEGADO FAMILIAR.** A história de Hugo reforça o caráter transformador da atividade avícola. “Nasci dentro de aviário. Meu pai foi pioneiro em Cianorte, quando ainda se construíam galpões de madeira para 5 mil aves. Hoje temos estruturas que chegam a 60 mil. Particpei de todo o processo: cuidar das aves, apanhar, limpar aviários manualmente... Era um trabalho árduo, mas que se tornou uma escola de vida”, relembra.

Esse aprendizado desde cedo moldou sua visão empresarial e o fez conhecer a cadeia produtiva em profundidade. “Comecei a trabalhar aos 12 anos e fui registrado aos 16. Passei por áreas como indústria, RH, suprimentos e gerência até me tornar diretor. Hoje consigo discutir com qualquer colaborador sabendo exatamente o que está em jogo, porque já estive em cada uma dessas funções”, explica.

Atualmente, a Guibon reúne cerca de 3.800 colaboradores, e a atuação da família Bongiorno continua sendo referência para a região. A trajetória, no entanto, começou com um episódio de resiliência do pai, que

## A UNIFRANGO

Criada em 2001 para trazer competitividade às pequenas e médias empresas do setor avícola do Paraná



após experiências fora do campo e até no setor bancário, decidiu investir nos aviários junto a um sócio. O movimento nasceu da necessidade: vender frango no mercado spot era arriscado, já que a ave não espera e muitas vezes os produtores ficavam à mercê do comprador. A solução encontrada foi a integração, que acabou transformando a dinâmica da produção local.

**PRODUTORES COMO PROTAGONISTAS.** O modelo de integração permitiu que pequenas propriedades permanecessem viáveis, combinando atividades como mandioca, leite e outras culturas com a avicultura. “Os próprios aviicultores impulsionaram nosso crescimento. Eles compraram a ideia e permaneceram no campo, o que trouxe tecnologia e modernização para as propriedades. Hoje, os aviários são totalmente automatizados, e essa nova geração se adapta muito bem a essa realidade digital”, afirma Hugo.

Segundo ele, o avanço da avicultura no noroeste do Paraná mostra como a atividade pode ser indutora de desenvolvimento econômico e social. “Não foi apenas a empre-

sa que cresceu, mas todo o entorno. É um legado coletivo, sustentado pelo esforço dos produtores e pela capacidade de inovação do setor”.

**PLANOS PARA O FUTURO.** Com os 25 anos da empresa se aproximando em 2026, Hugo reforça que o foco está em ampliar a capacidade do CD de Apucarana de 20 mil para 24 mil posições e buscar habilitações para novos mercados, como China e Europa, ainda não acessados pela companhia.

O maior projeto, no entanto, é a implementação de um terminal multimodal em Apucarana, aproveitando a pro-

ximidade da ferrovia que passa nos fundos do CD. O objetivo é tracionar cargas congeladas

até o Porto de Paranaguá por via ferroviária, reduzindo custos logísticos, aumentando a competitividade e contribuindo para a sustentabilidade com menor impacto nas rodovias.

“Esse é o nosso grande sonho. Estamos em tratativas com órgãos públicos e parceiros privados, e queremos anunciar o início desse projeto nos 25 anos da Unifrango. Será um marco não só para a empresa, mas para todo o setor”, projeta o presidente. ■

unifrango



2013

Início da operação Centro de Distribuição de Apucarana

2014

Abriu-se o modelo para empresas não acionistas

2015

Introdução de novos serviços. Novo nome fantasia e Razão social

2016

Expansão para novos clientes

2019

Ampliação para 12 mil posições no CD

2021

Mudança de nome/marca

2022

Ampliação para 17.500 mil posições no CD

# PECUÁRIA SUSTENTÁVEL EM FOCO

ELANCO E KPMO UNEM FORÇAS PARA DISCUTIR FUTURO DE BAIXO CARBONO

CAMILA SANTOS, DE SÃO PAULO (SP)  
camila@dc7comunica.com.br

A primeira edição do encontro “Pecuária Sustentável: o Brasil que alimenta e regenera o mundo” destacou a importância de integrar inovação, eficiência produtiva e responsabilidade socioambiental como pilares de uma pecuária de baixo carbono. A iniciativa da Elanco Brasil, em parceria com a KPMO Editora e Comunicação, reuniu lideranças, especialistas e produtores em São Paulo (SP), colocando o setor no centro das discussões globais sobre segurança alimentar e mudanças climáticas.

Promovido em um momento decisivo para a agropecuária brasileira, o encontro buscou responder a uma questão essencial: como escalar práticas regenerativas sem perder competitividade? O debate foi conduzido por Keila Prado Costa, editora da KPMO e autora do livro *Alimentando o Mundo*, e por Renata Fernandes, gerente de Sustentabilidade da Elanco Brasil. Entre os convidados, a presen-

ça de Fábio Barbosa, presidente do Conselho da Natura & Co e vencedor do Prêmio Campeões da Terra (PNUMA), e de Fernanda Hoe, diretora-geral da Elanco Brasil, deu peso às reflexões e indicou caminhos para a consolidação de uma pecuária eficiente e ambientalmente responsável.

**ESTRATÉGIA GLOBAL, COMPROMISSO LOCAL.** Para Fernanda Hoe, o evento representou a oportunidade de gerar conexões estratégicas capazes de acelerar a transição para uma produção animal sustentável. “Nosso compromisso é com as pessoas, com os animais e com o planeta, entendendo o impacto que geramos para a sociedade, colaboradores, clientes e parceiros, assim como para o meio ambiente”, afirma.

Ela destacou que a sustentabilidade está integrada à estratégia corporativa da Elanco em múltiplos níveis, desde a pesquisa e manufatura até projetos de campo que apoiam diretamente o produtor. “A proposta é

conectar diferentes elos da cadeia, da ponta aos bastidores da transformação, para discutirmos juntos como avançar para uma pecuária mais regenerativa, eficiente e sustentável.”

**PRODUÇÃO COM IMPACTO POSITIVO.** Na entrevista concedida durante o encontro, Fernanda detalhou as soluções que traduzem o conceito de “produção com impacto positivo” defendido pela Elanco. O exemplo mais emblemático é o Zimprova, primeiro ionóforo com aprovação oficial do MAPA para redução de emissões de metano – um dos principais gases de efeito estufa.

Outro destaque é o Rumensin, aditivo com cinco décadas de mercado, que recebeu o selo de Produto Redutor da Pegada de Carbono pela FairFood. A auditoria também certificou outros produtos voltados ao bem-estar animal, reforçando a conexão entre saúde, produtividade e sustentabilidade.

Além de soluções comerciais, a empresa promove iniciativas de impacto social e ambiental ao RestaurAmazônia, uma iniciativa da Fundação Solidaridad desenvolvida no estado do Pará. O projeto capacita pequenos produtores do bioma amazônico em práticas de manejo e sanidade animal dentro do modelo ILPF (Integração Lavoura-Pecuária-Floresta), unindo inclusão socioeconômica e sustentabilidade.

“Não queremos apenas vender produtos – oferecemos soluções integradas, que envolvem capacitação e monitoramento, gerando oportunidades reais de negócio para os produtores”, enfatiza Fernanda.

**O BRASIL COMO PROTAGONISTA GLOBAL.**

Na avaliação da diretora, o Brasil tem posição estratégica no cenário global de carne bovina, como segundo maior produtor e maior exportador mun-





dial. Os avanços recentes em produtividade por hectare, aliados à redução da área de pastagens, mostram que é possível crescer de forma sustentável.

Práticas como manejo adequado de pastagens, recuperação de áreas degradadas e adoção do ILPF são oportunidades claras para ampliar o sequestro de carbono. Ao mesmo tempo, o uso de aditivos nutricionais estratégicos permite reduzir as emissões de metano entérico, elevando a eficiência ambiental da pecuária.

“O desafio está em tornar acessíveis ao produtor a tecnologia, a capacitação e as ferramentas que permitam medir o impacto positivo da produção – tanto econômico quanto ambiental. Só assim será possível comprovar resultados e acessar recursos como o crédito verde”, reforça Fernanda.

### SUSTENTABILIDADE TRADUZIDA PARA O CAMPO.

Se de um lado a Elanco apresenta soluções inovadoras, de outro trabalha para aproximar a agenda ESG da realidade das propriedades rurais. Essa é a missão de Renata Fernandes, gerente de Sustentabilidade da companhia. “Sabemos que muitos pecuaristas ainda veem a sustentabilidade como algo distante. Nosso papel é traduzir essa agenda em ações práticas, conectadas aos desafios reais do campo”, explica.

Entre as estratégias, Renata desta-

cou a criação do podcast Protagonistas do Campo, que dá voz a produtores e especialistas que já implementam práticas transformadoras. Além disso, a empresa lançou o programa Eficiência Positiva+, que evidencia a possibilidade de gerar ganhos econômicos, ambientais e operacionais simultaneamente.

O programa oferece ainda ferramentas de mensuração em campo, permitindo acompanhar resultados e embasar decisões com dados rastreáveis. “Sustentabilidade é consequência da eficiência bem aplicada. Com dados confiáveis, o produtor pode transformar boas práticas em valor e acessar novas formas de reconhecimento, como mercados de carbono”, afirma.

**MEDINDO PARA ESCALAR.** Um dos grandes avanços apresentados por Renata foi a calculadora de pegada de carbono para bovinos de corte, em fase piloto em propriedades reais. A ferramenta é baseada no GHG Protocol e adaptada à realidade brasileira, considerando fatores como sequestro de carbono pelas pastagens e manejo do solo.

Mais do que medir emissões, a calculadora integra indicadores econômicos e produtivos associados ao uso de tecnologias como o Zimprova. Com isso, o produtor consegue vi-

**FERNANDA HOE É**  
DIRETORA-GERAL  
DA ELANCO  
BRASIL



**RENATA FERNANDES**  
É GERENTE DE  
SUSTENTABILIDADE  
DA ELANCO BRASIL

sualizar ganhos em ganho de peso, redução do ciclo produtivo e diminuição das emissões em CO<sub>2</sub> equivalente.

“A mensuração transforma a sustentabilidade em uma moeda de troca real, respaldada por ciência. É isso que dá credibilidade e permite ampliar práticas que geram impacto positivo”, conclui Renata.

### CONEXÕES QUE ACELERAM MUDANÇAS.

O encontro promovido pela Elanco e pela KPMO deixou clara a necessidade de criar pontes entre ciência, tecnologia, mercado e produtor. Em um cenário global desafiador, a pecuária brasileira tem diante de si a oportunidade de liderar a transição para sistemas mais eficientes e regenerativos, consolidando-se não apenas como fornecedora de proteína animal, mas como protagonista de soluções climáticas e socioeconômicas.

Eventos como este mostram que a sustentabilidade deixou de ser um tema periférico e passou a ser condição para a competitividade e permanência da atividade pecuária. Ao reunir especialistas, lideranças e produtores, a Elanco reforça seu papel como agente de transformação, conectando conhecimento e prática em prol de uma pecuária que alimenta e regenera o mundo. ■

# VIDARA ACID FLB – UMA SOLUÇÃO ESTRATÉGICA PARA SAÚDE INTESTINAL E DESEMPENHO ANIMAL

POR WARLEY ALVES

**A** produção animal está mudando – e rápido. O uso de antibióticos está sendo cada vez mais limitado, e já existem discussões avançadas sobre o banimento de várias moléculas utilizadas como promotores de crescimento. Ao mesmo tempo, as exigências por bem-estar animal se intensificam, e manter altos níveis de produtividade exige novas soluções.

Nesse contexto em transformação, preservar a saúde intestinal dos animais deixou de ser apenas importante: tornou-se essencial. O intestino não é só um “órgão digestivo”; ele é, na prática, a principal linha de defesa do organismo. É ali que os nutrientes são absorvidos e que o sistema imune entra em ação contra microrganismos patogênicos, toxinas e inflamações. Garantir a integridade intestinal é garantir também desempenho produtivo, conversão alimentar eficiente e menor necessidade de intervenções terapêuticas.

## **POR QUE A SAÚDE INTESTINAL MERECE ATENÇÃO?**

Quando o intestino está em equilíbrio, as vilosidades e as criptas são maiores e a mucosa mais íntegra, ou seja, mais eficiente em absorver nutrientes e barrar a entrada de patógenos. Porém, fatores como pressão sanitária, dietas desbalanceadas, densidade elevada ou falhas de manejo podem comprometer essa estrutura e abrir espaço pa-

ra infecções e perdas de desempenho.

Por isso estratégias nutricionais que auxiliem na proteção da mucosa intestinal são importantes. Entre as opções mais utilizadas estão os ácidos orgânicos, os óleos essenciais, probióticos, prebióticos, etc. Cada um atua de forma distinta, e quando bem combinados, os resultados podem ser expressivos.

## **FUNCIONALIDADE QUE PROMOVE EQUILÍBRIO E PROTEÇÃO**

Desenvolvido com uma combinação inteligente de ácidos orgânicos e óleos essenciais, o Vidara Acid FLB é um aditivo acidificante que vai além da simples acidificação. Ele atua de forma direta na modulação do pH intestinal, na inibição de bactérias patogênicas e no fortalecimento da microbiota benéfica – promovendo um ambiente intestinal mais estável e funcional.

Essa combinação permite que os óleos essenciais alterem a membrana celular dos patógenos, facilitando a entrada dos ácidos orgânicos que, por sua vez, interferem no metabolismo microbiano, levando à morte celular. Seu efeito conjunto fortalece a imunidade e contribui para a estabilidade intestinal.

## **RESULTADOS ESPERADOS**

O Vidara Acid FLB foi pensado para proporcionar benefícios amplos à saúde intestinal e ao desempenho produtivo dos animais. Com base no conhecimento reunido na literatu-

ra espera-se que a sinergia entre os componentes propicie:

- Redução da carga de microrganismos entéricos indesejáveis, como *Salmonella* e *E. coli*;
- Estimulo ao desenvolvimento das vilosidades intestinais e à absorção de nutrientes;
- Fortalecimento da mucosa intestinal, reduzindo a translocação bacteriana e o risco de inflamações;
- Melhora nos indicadores zootécnicos, como ganho de peso e conversão alimentar, especialmente em ambientes desafiadores.

## **MUITO ALÉM DE UM ADITIVO**

Vidara Acid FLB não é apenas um acidificante – é uma ferramenta moderna e estratégica para uma produção animal mais segura, sustentável e eficiente. Seu uso se alinha com as principais demandas da cadeia produtiva atual, especialmente em programas que priorizam saúde intestinal, desempenho consistente e redução de antibióticos. ■

**Warley Alves**  
é zootecnista (UFV), Mestre (UNESP Jaboticabal) e Doutor em Zootecnia (UFV)



# A Solução Inteligente para Saúde Intestinal e Desempenho Superior



## VIDARA ACID FLB

Ácidos orgânicos + Óleos essenciais

- ✓ Controle de patógenos
- ✓ Melhora a conversão alimentar
- ✓ Equilíbrio da microbiota intestinal
- ✓ Favorece a absorção de nutrientes

PAINEL DE ABERTURA CONTOU COM A PRESENÇA DE REPRESENTANTES DA COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO E AUTORIDADES DO ESTADO DE SC

# ACAV CELEBRA MARCOS HISTÓRICOS

COMEMORANDO 30 ANOS DA ASSOCIAÇÃO E 15 DO SIMPÓSIO TÉCNICO, ASSOCIAÇÃO REFORÇA O ASSOCIATIVISMO E A IMPORTÂNCIA DOS EVENTOS COMO ATIVO ESSENCIAL PARA A COMPETITIVIDADE GLOBAL

CAMILA SANTOS, DE FLORIANÓPOLIS (SC)  
camila@dc7comunica.com.br

Um evento de peso. Esta foi a sensação de quem acompanhou os três dias do 15º Simpósio Técnico ACAV de Inubação, Matrizes de Corte e Nutrição, que ocorreu entre os dias 5 e 7 de agosto, no CentroSul, em Florianópolis (SC), marcando o início de uma edição histórica para a Associação Catarinense de Avicultura (ACAV), já que em 2025 a associação comemora 30 anos de trajetória, consolidando-se como uma das principais representantes da avicultura nacional e fortalecendo o fórum técnico avícola com debates estratégicos

para o futuro da cadeia produtiva. Na abertura do simpósio, Bento Zandoni, coordenador geral do evento, abriu a cerimônia com entusiasmo e memória afetiva, lembrando os primórdios do evento. “Iniciamos esse simpósio há 15 anos, e confesso a vocês que tínhamos menos participantes do que hoje temos na comissão organizadora”, afirma. Para ele, o crescimento contínuo do simpósio é reflexo de um esforço coletivo e persistente. “Vocês são a fonte da realização desse evento. Levem esse conhecimento para as empresas onde trabalham”, destaca. O presidente da ACAV, Marcondes

Aurélio Moser, também falou sobre o encontro, sublinhando o papel do associativismo na construção da competitividade do setor. “Estamos tratando de um segmento muito importante para Santa Catarina. Tanto no evento como na ACAV, construímos uma rede entre empresas e entidades públicas para garantir nosso protagonismo na economia mundial”, afirma. Ele também enfatizou que preservar a sanidade é condição indispensável para a continuidade dos avanços. “Dizem que custo machuca e a sanidade mata. Se não cuidarmos do nosso principal ativo, quebramos.” ▶



**30 anos de Cobb no Brasil.**

Nunca foi só genética,  
sempre foi ter com quem contar.

impulsa



A Cobb é centenária no mundo e está há 30 anos no Brasil, oferecendo um pacote de soluções verdadeiramente rentável para a sua granja.

**A tradição em inovar está em nossa genética,  
fale com um de nossos especialistas.**



Copyright ©2025 Cobb-Vantress, LLC. All Rights Reserved.

Representando o Governo do Estado, o secretário executivo de Articulação Internacional e Projetos Estratégicos, Paulo Bornausen, reforçou o reconhecimento internacional da avicultura catarinense. “Se existisse um pódio permanente como na Olimpíada, Santa Catarina estaria entre os grandes produtores em qualidade e, provavelmente, em sanidade animal como número um”, destaca, mencionando os esforços para ampliar mercados como Japão e China.

Já o secretário de Estado da Agricultura, Carlos Chiodini, encerrou a solenidade valorizando a infraestrutura rural e o papel do setor privado. “Santa Catarina tem vocação para produzir alimentos. Mas só vamos produzir mais se o governo fizer sua parte. O setor já faz a dele — estudando, pesquisando, empreendendo”, afirma. Chiodini também destacou a trajetória da ACAV. “São 30 anos de um associativismo que deu certo. Quando se reúnem interesses do bem, algo maior acontece. A ACAV é um exemplo de sucesso.”

Além da solenidade, Marcondes Aurélio Moser, reforçou o caráter estratégico do simpósio. Para ele, o evento vai além do caráter técnico, funcionando como ponto de convergência para temas decisivos da avicultura. “Estamos aqui celebrando os 30 anos da ACAV e o 15º simpósio, ambos muito importantes para a avicultura de Santa Catarina, do Brasil e, quiçá, do mundo”, destaca.

Moser também ressaltou que o simpósio é uma oportunidade para mobilizar o setor e ampliar o engajamento coletivo. “Nós precisamos crescer juntos. Os concorrentes não estão aqui dentro, estão lá fora. E é lá fora que o mercado exige competitividade.”

**QUEDA DE ECLOSÃO.** O painel “Principais causas de queda de eclosão nos últimos anos”, conduzido por Cristiano Emanuelli Pereira, especialista em Incubação da Cobb LatCan, trouxe uma análise sobre um tema que preocupa toda a cadeia avícola: a redução consistente dos índices de nascimento ao longo da última década.

Segundo Cristiano, dados do Innovate Animal Ag mostram que, nos últimos 12 anos, a queda de eclosão foi bastante acentuada, exigindo maior



**MARCONDES AURÉLIO MOSER**  
É PRESIDENTE DA ACAV

número de matrizes alojadas para compensar o volume processado nos abatedouros. No Brasil, embora os impactos tenham seguido proporções distintas, a realidade também é perceptível: “há uma queda natural ligada à fertilidade dos ovos ao longo do ciclo das matrizes, mas outros fatores têm intensificado essa redução e precisam ser discutidos com profundidade”, destaca.

Entre os elementos técnicos abordados, o especialista ressaltou a influência do tempo de estocagem dos ovos férteis, que afeta diretamente a viabilidade embrionária. Relatórios da Cobb, consolidados a partir de centenas de lotes nos últimos três anos, apontam redução média de 2% na taxa de eclosão de matrizes com 65 semanas, valor que impacta diretamente a quantidade de pintos alojados e, por consequência, o volume de frango processado.

Os números de instituições como a Apinco e a Agri Stats reforçam essa tendência. No Brasil, os índices caíram de aproximadamente 82% para patamares próximos de 77%, revelando um desafio estrutural. Até mesmo empresas que historicamente apresentam desempenho acima do benchmark registraram recuo de 86% para 81% em seus melhores resultados. “Essas diferenças, observadas mesmo em empresas com estruturas e produtos semelhantes, revelam o peso de fatores como manejo, qualidade de incubação, capacitação de mão de obra e condições sanitárias”, observa.

Outro ponto de atenção destacado foi o impacto das exportações de ovos férteis. O Brasil conquistou mercados relevantes nesse segmento, mas a destinação de volumes crescentes ao exterior reduz a disponibilidade de ovos no mercado interno, pressionando os alojamentos e exigindo maior eficiência nos incubatórios.

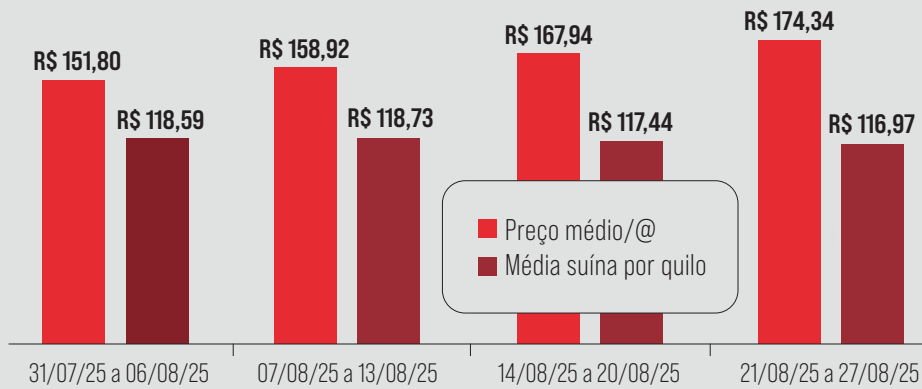
Doenças como bronquite aviária e enterococos também figuram entre os fatores capazes de comprometer os índices de eclosão, reforçando a necessidade de programas sanitários consistentes. Além disso, o painel resgatou o impacto da pandemia de Covid-19 sobre os incubatórios nos Estados Unidos, quando a escassez e a baixa qualificação de mão de obra influenciaram negativamente os resultados. “Esse é um alerta claro de que, além da tecnologia e das boas práticas, a valorização do capital humano é determinante para manter altos níveis de eficiência”, completa o especialista.

Além da explicação, Cristiano lançou o desafio aos participantes: identificar, dentro da realidade de cada empresa, os pontos críticos que explicam a queda de desempenho e compartilhar estratégias que permitam não apenas minimizar perdas, mas consolidar ganhos sustentáveis. O debate contou com a participação de diferentes representantes da cadeia, que reforçaram a importância da união entre genética, nutrição, manejo e gestão sanitária como pilares para reverter o cenário e garantir maior previsibilidade produtiva. ■

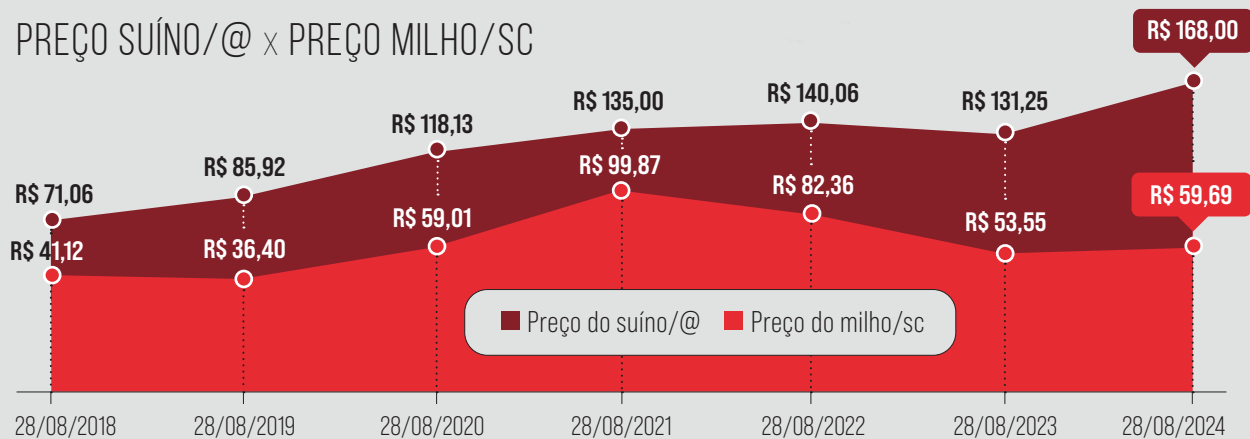
# MERCADO INTERNO

Veja o comportamento do mercado de suínos do Estado de São Paulo no ano

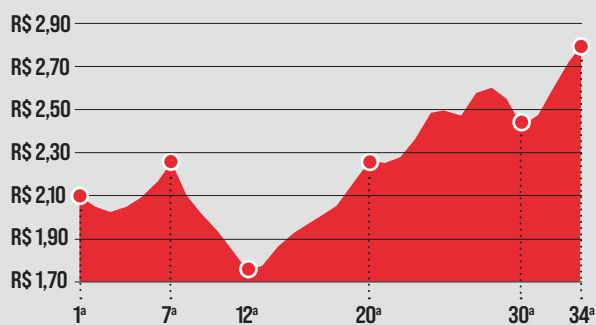
## EVOLUÇÃO PREÇOS / PESO DOS SUÍNOS



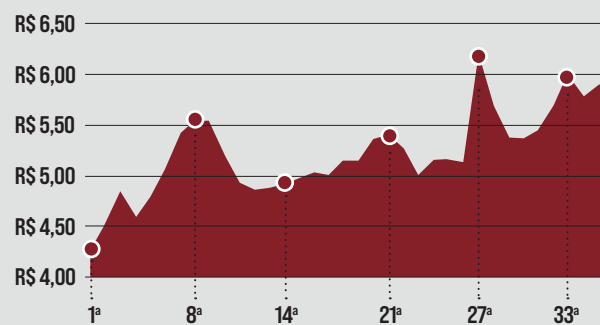
## PREÇO SUÍNO/@ x PREÇO MILHO/SC



## RELÇÃO SUÍNO/@ x MILHO/SC 60kg (1ª a 35ª bolsa)



## RELÇÃO SUÍNO/kg x FARELO DE SOJA/kg (1ª a 35ª bolsa)



# SBSS 2025: CIÊNCIA, NUTRIÇÃO E DESAFIOS GLOBAIS DA SUINOCULTURA

EVENTO DESTACOU AVANÇOS EM **MANEJO, SANIDADE E NOVAS FRONTEIRAS NUTRICIONAIS**

CAROLINE MENDES

caroline@dc7comunica.com.br

A edição 2025 do Simpósio Brasil Sul de Suinocultura (SBSS) consolidou-se, mais uma vez, como um dos principais pontos de encontro da cadeia suinícola, reunindo especialistas, pesquisadores e profissionais de toda a América Latina em torno de um objetivo comum: discutir soluções técnicas para os desafios atu-

ais da produção. Em um ambiente de intensa troca de experiências, o evento trouxe reflexões sobre biossegurança, inovação nutricional, evolução genética e estratégias para garantir competitividade em um mercado global cada vez mais exigente.

Entre os destaques, esteve a ênfase na saúde intestinal como base para desempenho e bem-estar dos ani-

mais. O tema atravessou palestras, painéis e discussões paralelas, evidenciando que a nutrição deixou de ser vista apenas como um suporte produtivo para assumir papel estratégico na redução do uso de medicamentos, no fortalecimento da imunidade e no alinhamento com pautas de sustentabilidade.

Outro ponto recorrente foi o impacto das exigências de mercado e da regulação internacional sobre a rotina das granjas. Questões como bem-estar animal, redução da resistência antimicrobiana e manejo de resíduos ambientais ganharam força nas apresentações, refletindo o movimento global de transformação da produção. O SBSS, nesse sentido, mostrou-se mais do que um palco de atualização técnica: foi também uma bússola para orientar o produtor sobre tendências que moldam o futuro da suinocultura.



## ZINCO EM DEBATE: APRENDIZADOS DA EXPERIÊNCIA EUROPEIA

ESPECIALISTAS DISCUTEM IMPLICAÇÕES DO **BANIMENTO DO ZnO** E POSSÍVEIS CENÁRIOS PARA O BRASIL

Entre os assuntos de maior repercussão no simpósio esteve o uso do óxido de zinco (ZnO) em dietas de leitões pós-desmame. Considerado durante anos um “coringa” no controle de diarreias, o aditivo já foi alvo de restrições severas na União Europeia, cujo processo de proibição foi detalhado pelo pesquisador Leandro Hackenhaar, convidado a compartilhar a experiência internacional.

Segundo ele, a principal motivação para o banimento foi ambiental. O acúmulo de zinco no solo, derivado da aplicação de dejetos animais, gerou preocupações crescentes, com registros de contaminação de lençóis freáticos e impactos sobre o desenvolvimento vegetal. Embora não totalmente compro-

vado, também pesou a suspeita de que o uso prolongado pudesse contribuir para a resistência bacteriana a antibióticos. Com base nesses riscos, a União Europeia estabeleceu limites em 2017 e definiu a retirada completa em 2023, após um período de transição de cinco anos.

A reação inicial dos produtores europeus foi marcada por apreensão, sobretudo diante da incerteza quanto aos impactos zootécnicos e econômicos. Hackenhaar observa que a adaptação não ocorreu de forma homogênea: “Os prazos e regras variaram entre os países, refletindo realidades produtivas distintas. Em alguns casos, o ajuste foi mais lento e doloroso, mas o tempo permitiu que o setor buscasse alternativas sólidas”.

Entre as soluções adota- ►





das, aditivos como prebióticos, ácidos orgânicos e óleos essenciais tiveram papel central na primeira fase da transição. Com o amadurecimento técnico, o uso de fibras funcionais e o ajuste no nível e qualidade da proteína ganharam protagonismo, criando sinergias que favoreceram o desenvolvimento de uma microbiota mais resiliente. Paralelamente, melhorias de manejo e maior utilização de vacinas ajudaram a reduzir os riscos sanitários.

Os efeitos, contudo, não foram imediatos. Houve perda de desempenho em algumas granjas no início, mas, com ajustes, o setor europeu conseguiu recuperar e até superar índices anteriores. “Hoje vemos propriedades alcançando excelentes resultados, reflexo não só da adaptação nutricional, mas também de avanços em genética, biossegurança e tecnologia de manejo”, pontua Hackenhaar.

A experiência demonstrou que é possível reduzir o uso de medicamentos sem comprometer desempenho, desde que a estratégia seja integrada. Isso inclui dietas ajustadas ao estágio fisiológico, rigor no manejo pré e pós-desmame e biossegurança reforçada. O especialista sublinha: “Nutrição inadequada, sozinha, é capaz de gerar problemas graves. Já uma formulação bem ajustada, associada a boas práticas, transforma-se em ferramenta poderosa contra diarreias”.



SEGUNDO O PESQUISADOR LEANDRO HACKENHAAR, A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO PARA O BANIMENTO DO ÓXIDO DE ZINCO FOI AMBIENTAL

**PERSPECTIVAS PARA O BRASIL.** No Brasil, ainda não há definição sobre a adoção de restrições semelhantes às europeias, mas Hackenhaar reconhece que o debate pode avançar. “O risco ambiental existe e pode haver pressão de importadores para alinhamento regulatório. No entanto, é essencial considerar nossas particularidades de clima, solos e sistemas de produção antes de tomar qualquer decisão”, avalia.

As diferenças estruturais entre

os dois cenários são evidentes: enquanto a Europa atua sob forte restrição ao uso de antibióticos e enfrenta alta pressão sanitária com enfermidades como PRRS e Peste Suína Africana, o Brasil possui outros desafios, mas também vantagens competitivas ligadas à disponibilidade de insumos e escala produtiva. Ainda assim, movimentos globais em torno de sustentabilidade e bem-estar animal indicam que ajustes serão inevitáveis no médio prazo.

Para granjas brasileiras interessadas em reduzir voluntariamente o uso do ZnO, o conselho é adotar uma transição planejada e gradual, apoiada por consultoria técnica especializada. A recomendação passa por enxergar a retirada não como simples substituição de ingrediente, mas como reestruturação da estratégia produtiva, envolvendo nutrição, manejo, genética e tecnologia.

Nesse ponto, a inovação surge como aliada. Ferramentas de nutrição de precisão, monitoramento digital e automação permitem ajustes mais finos, elevando o controle sobre saúde intestinal e desempenho. “O futuro da suinocultura está cada vez mais ligado à promoção ativa da saúde intestinal como base para produtividade e eficiência. A experiência europeia mostra que, embora desafiador, esse caminho é possível”, conclui Hackenhaar. ■

# O melhor dos dois mundos para uma **genética suína insuperável**



## TN70


- Reconhecida como a **melhor matriz do mundo**
- Alta produtividade
- Baixo custo de produção



## TN DUROC

- A **melhor conversão alimentar** do mercado
- Máxima rentabilidade
- Carne de **qualidade superior**

 [topignorsvinbrasiloficial](#)

 [Topigs Norsvin Brasil](#)

 [Topigs Norsvin Brasil](#)



Surpreenda-se com nossos melhoramentos genéticos.

# GENÔMICA REDEFINE O FUTURO DO MELHORAMENTO GENÉTICO BOVINO

AVANÇOS DA AVALIAÇÃO GENÔMICA E A CRESCENTE COMERCIALIZAÇÃO DE MATERIAL GENÉTICO REPOSICIONAM O MERCADO LEITEIRO MUNDIAL

**CAMILA SANTOS**  
camila@dc7comunica.com.br

O melhoramento genético é, há décadas, um dos pilares da pecuária leiteira. Nos Estados Unidos, essa estratégia assumiu caráter institucional no início do século XX, quando produtores, associações de raça e órgãos públicos organizaram registros, mensurações e programas de avaliação. O foco na produtividade de leite fez com que a raça Holandesa se tornasse a principal base genética do país.

Segundo João Dürr, diretor-executivo do Council on Dairy Cattle Breeding (CDCB), a visão de longo prazo foi determinante. “O governo americano reconheceu, já em 1908, que o país precisava de dados consistentes e de avaliações científicas para





sustentar o crescimento da cadeia do leite. A decisão de priorizar a produção leiteira, em detrimento de outras aptidões, foi fundamental para que os Estados Unidos se tornassem líderes em genética bovina”, destaca.

O esforço inicial incluiu o registro detalhado da produção de leite e gordura, programas de controle leiteiro e a criação das primeiras cooperativas de inseminação artificial na década de 1930. Com o tempo, a introdução de computadores na década de 1950 permitiu processar dados de forma mais precisa, abrindo caminho para o que mais tarde seria a consolidação do CDCB, responsável por centralizar e disponibilizar avaliações genéticas confiáveis.

**A VIRADA COM A GENÔMICA.** Enquanto os primeiros avanços já marcavam a história do leite nos EUA, a introdução da genômica em 2009 representou uma verdadeira ruptura. Pela primeira vez, era possível avaliar o valor genético de animais jovens com alta confiabilidade, sem depender de longos anos de produção ou provas de progênie.

“Criamos um novo negócio em torno da genômica, que simplesmente não existia antes de 2009. Passamos a certificar nominadores, laboratórios e chips usados nas análises. Isso abriu um leque de oportunidades que transformou a forma de trabalhar com genética”, afirma João.

A tecnologia encurtou o intervalo entre gerações, aumentou a acurácia de características complexas e ampliou a quantidade de informações disponíveis para tomada de decisão. Hoje, estima-se que mais de 11 milhões de genomas estejam na base do CDCB, provenientes de 72 países. “Quase 90% desses dados são da raça Holandesa, o que demonstra a força e a liderança dessa raça no uso da tecnologia”, explica o diretor.

Além disso, a genômica permitiu identificar erros de pedigree, corrigir registros incorretos e incluir animais com informações incompletas

em avaliações confiáveis. “Antes, muitos animais eram descartados apenas por falhas de registro. Hoje, conseguimos integrar esses dados e aumentar significativamente a acurácia das avaliações”, complementa.

**IMPACTOS PRODUTIVOS E ECONÔMICOS.** Os resultados práticos da avaliação genômica são claros. Estudos indicam que, desde 1957, 71% dos ganhos de produtividade do leite nos EUA são atribuídos à genética. Essa evolução não apenas aumentou o volume produzido, mas também trouxe avanços em eficiência alimentar, saúde, longevidade e fertilidade.

“Podemos provar que a genética funciona. Não é um conto de fadas: a população realmente evoluiu, e a genômica nos permitiu acelerar es-

FERRAMENTA REVOLUCIONÁRIA, A AVALIAÇÃO GENÔMICA JÁ TRANSFORMOU A PECUÁRIA LEITEIRA NORTE-AMERICANA E IMPACTA DIRETAMENTE O MERCADO GLOBAL, ABRINDO CAMINHOS PARA NOVOS NEGÓCIOS, RAÇAS E SISTEMAS DE PRODUÇÃO

se processo”, reforça o especialista.

Outro ponto destacado é a melhora da acurácia em características ligadas à saúde. “Com a genômica, conseguimos ganhos de até 35% na precisão de características relacionadas à saúde, o que representa enorme impacto para a sustentabilidade da produção”, aponta

A combinação de dados genômicos, índices de seleção e informações de fenótipo tem permitido aos produtores tomar decisões mais estratégicas, como selecionar animais jovens para reprodução, planejar cruzamentos específicos e reduzir a incidência de características deletérias. ►

**MERCADO EM TRANSFORMAÇÃO.** No campo econômico, a genômica remodelou o mercado de sêmen e embriões. A adoção de cruzamentos entre vacas leiteiras e touros de corte, prática crescente nos EUA, mudou a lógica da comercialização. “Hoje, cruzar uma vaca Holandesa com um touro de corte pode gerar bezerros que valem entre 800 e 900 dólares. É impossível ignorar esse mercado aquecido para a carne”, afirma.

Essa mudança reduziu a demanda por sêmen leiteiro no mercado doméstico, mas abriu novas frentes para exportação. Desde 2017, os EUA vendem mais doses de sêmen para o mercado externo do que para o interno. “A China é o maior importador em número de doses. O Brasil ocupa a segunda posição, mas quando olhamos em valor financeiro, a Europa se destaca, pagando mais que a Ásia por produtos específicos”, explica João.

Além disso, a comercialização de sêmen sexável, de corte e convencional mostra crescimento constante, refletindo a capacidade de adaptação dos produtores às demandas de diferentes mercados globais.

**DADOS: A NOVA RIQUEZA DA GENÉTICA.** O sistema norte-americano é referência global, em parte graças à robustez da base de dados. O modelo integra coleta de DNA nas fazendas, envio a laboratórios credenciados, validação pelo CDCB e divulgação de resultados públicos.

Essa independência é vista como essencial. “Ter um centro de avaliação independente, que não pertença a uma empresa de sêmen ou de genômica, garante confiança, transparência e economia para toda a cadeia. Esse é o alicerce do progresso no setor leiteiro”, afirma.

A credibilidade do sistema atrai empresas privadas, que podem desenvolver produtos, índices e serviços sobre a base consolidada. Para os produtores, o benefício é duplo: acesso a informações confiáveis e redução dos custos de seleção.

Além disso, programas de certificação garantem a qualidade de laboratórios, nominadores e chips genômicos, permitindo que as análises sejam comparáveis internacionalmente e mantendo a confiabilidade do sistema.



**NOVOS HORIZONTES E SUSTENTABILIDADE.** O futuro da avaliação genômica promete ser ainda mais desafiador. O CDCB já trabalha para incluir novas características nos índices de seleção. Entre elas estão velocidade de ordenha, sanidade de bezerros, resistência de casco e redução de metano, além de resistência à tuberculose e melhoria de eficiência reprodutiva.

De acordo com o diretor, “o objetivo é oferecer informações cada vez mais completas, que permitam aos produtores selecionar animais não apenas produtivos, mas também saudáveis, adaptados e sustentáveis”.

Outra inovação é o desenvolvimento de sistemas de avaliação para animais mestiços, como cruzamentos Holandês-Jersey. Isso amplia opções de manejo, aumenta a diversidade genética e cria novos mercados.

**O BRASIL NO CENÁRIO GLOBAL.** Para o Brasil, a experiência norte-americana serve como guia. O país é um dos maiores importadores de genética bovina dos EUA, mas também tem potencial de desenvolver programas próprios. A grande população de animais e a diversidade de sistemas de produção podem gerar informações valiosas para a construção de bases de dados locais.

Segundo João, “a genômica é uma tecnologia que veio para ficar. Quem não investir em dados, ficará para trás. O Brasil tem todas as condições de avançar rapidamente, desde que produtores, empresas e instituições trabalhem juntos para consolidar informações de qualidade”.

A adoção de genômica local pode trazer não apenas ganhos de produ-

tividade, mas também sustentabilidade, melhorando a saúde dos rebanhos e reduzindo impactos ambientais.

### UM NEGÓCIO QUE NÃO PARA DE CRESCER.

A consolidação da genômica gerou novos modelos de negócio. Empresas de biotecnologia, consultorias genéticas e startups de análise de dados passaram a atuar na cadeia do leite, ampliando a oferta de serviços e criando valor em diferentes etapas. “Estamos diante de uma revolução que começou há pouco mais de uma década e que já mudou para sempre a forma como pensamos o melhoramento genético. A tendência é que os próximos anos tragam ainda mais integração entre ciência, tecnologia e mercado”, conclui.

Com as inovações genômicas o setor ganha eficiência e competitividade, conectando inovação tecnológica com a demanda global por produção sustentável, rastreável e economicamente viável. ■

JOÃO DÜRR É  
DIRETOR-EXECUTIVO  
DO COUNCIL ON  
DAIRY CATTLE  
BREEDING (CDCB)





# VEM APROVEITAR MÚÚÚITO CONHECIMENTO!

Sua inscrição garante a participação para:

- 14º Simpósio Brasil Sul de Bovinocultura de Leite
- 9ª Brasil Sul Milk Fair
- 4º Fórum Brasil Sul de Bovinocultura de Corte
- 2º Simpósio Catarinense de Pecuária de Leite à Base de Pasto



Saiba mais e faça sua inscrição



14º SIMPÓSIO  
BRASIL SUL DE  
BOVINOCULTURA  
DE LEITE  
9ª BRASIL SUL  
MILK FAIR



4º FÓRUM  
BRASIL SUL DE  
BOVINOCULTURA  
DE CORTE



2º SIMPÓSIO CATARINENSE  
DE PECUÁRIA DE LEITE  
À BASE DE PASTO

Realização:

  
NUCLEOVET  
Núcleo Oeste de Medicos Veterinários e Zootecnistas/SC

  
Epagri

# PECUARISTA 50+: O DESAFIO DE PRODUZIR COM SAÚDE

PRODUTORES ENTENDEM QUE **HÁ MAIS PREOCUPAÇÃO COM O BEM-ESTAR DO BOI DO QUE COM O SEU PRÓPRIO DONO**. ALGUNS AJUSTAM A ALIMENTAÇÃO E ADOTAM ATIVIDADES FÍSICAS, MAS RESISTÊNCIA A SE CUIDAR AINDA É GRANDE NO CAMPO

**ARIOSTO MESQUITA, DE CAMPO GRANDE (MS)**

Especial para a Feed&Food - ariostomesquita@gmail.com

**T**odos os dias ele checa o preço da arroba, monitora o estoque de comida do gado, administra conflitos internos, enfrenta quedas de braço com indústrias, confere e ajusta os protocolos sanitários e é bombardeado por pressões externas e exigências ambientais cada vez mais intensas. Qualquer “novidade” pode alterar a pressão arterial e o ritmo cardíaco de um corpo já fragilizados pelo tempo e pelo esforço físico da lida no campo, depois de anos trabalhando debaixo de sol, chuva, frio e calor. Após os 50 anos, conviver com a tensão da atividade de bovinocultura de corte é desafiador para quem pretende conciliar uma longevidade ativa com bem-estar físico e mental, encarando de frente questões como

a sucessão rural, compra e venda de animais, novas tecnologias, financiamentos, dívidas e gestão profissional.

Em meio a um turbilhão de compromissos e afazeres, a idade avança e exige cuidados que nem sempre são observados pelo pecuarista. Chega a ser irônico, mas dentro da cadeia produtiva da carne bovina brasileira, as ações e as preocupações com o bem-estar do boi estão claramente muito mais em pauta do que a saúde de quem produz o animal. Diante deste quadro, entender eventual fragilidade física, mental ou mesmo espiritual e sair de uma situação de risco, não são coisas simples.

Entre 2005 e 2006 a pecuarista Maria Ester Tiziani (Téia) Fava, começou a enfrentar uma dor de cabeça recor-

rente, quase insuportável. “Era muito forte e me acompanhou diariamente durante anos. Vivia à base de Sumax”, conta se referindo a um medicamento indicado para o tratamento agudo da enxaqueca. Este quadro levou Téia a pensar no pior: “Procurava ficar sempre perto de gente. Tinha medo de acontecer algo comigo e não ter sequer uma pessoa para me socorrer. Se alguém fechasse a porta do quarto onde eu estava, logo imaginava que iria morrer ali, sozinha. Era uma angústia muito grande, um quadro próximo do desesperador”, revela.

O remédio minimizava o sofrimento, mas o alívio só veio mais de uma década depois, quando a produtora resolveu partilhar informações sobre os negócios com a família: “Comuni-



quei aos meus irmãos sobre problemas financeiros que enfrentava na pecuária. Além disso, havia separado de meu primeiro marido em 2005. Acabei assumindo muita coisa, como cuidar de propriedade rural, de negócios na cidade (duas empresas de eucalipto tratado) e da função que assumi por algum tempo, de secretária municipal de urbanismo e paisagismo em Barra do Garças (MT), onde resido. Nada dava certo. Em 2017, quando abri o jogo com a família e pedi socorro, a coisa começou a mudar. O meu então namorado, hoje meu marido, Giuseppe Cozzolino, é exemplo disso. Trabalha na cidade como programador de sistemas e foi me auxiliar no campo. Hoje ele é meu braço direito e esquerdo e me ajuda a organizar a pecuária”.

E a enxaqueca? “Tirou com a mão. Não tenho mais nada como antes. Tudo mudou quando joguei a toalha e admiti que era falível”, garante a pecuarista dona de um rebanho Nelore de 1.300 cabeças nas fazendas Estrela do Sul (cria) e São Luís de Copacabana (recria de fêmeas), ambas em General Carneiro (MT), município vizinho a Barra do Garças, no Vale do Araguaia.

Em 2024, Teia acrescentou a prática constante de atividades físicas em sua rotina diária. O gatilho veio depois de perceber uma ligeira falha de mobilidade ao tentar passar por uma guia de rua (degrau): “Parei e não sabia que comando dar à minha perna para subir o resto do corpo e superar o obstáculo. Não tinha forças”. A partir daí, foi ao médico, iniciou tratamento e, desde junho de 2024, garante marcar presença semanal nas aulas de musculação e de pilates (método de e (método de exercício e alongamento que utiliza o peso do próprio corpo) contratadas junto a um personal trainer. Hoje, aos 61 anos completados no último mês de julho, ela comemora uma nova fase: “Sou outra pessoa. Emagreci 12 kg, tenho mais disposição, meu sono é muito melhor e a dor de cabeça é perto de zero”.

**ZONA DE CONFORTO.** Atualmente com 66 anos, o pecuarista Antonio Ricardo Sechis, reserva espaços diários para a natação e academia. O primeiro compromisso é logo ao acordar, por volta das seis da matina, na piscina em sua Fazenda Recanto Vó Cidinha, em Nhandeara, no oeste paulista. Já



a musculação, em uma academia na cidade, ele procura alternar horários entre a manhã e o final do dia, ajustando a prática à sua agenda de produtor rural focado no cruzamento entre as raças Nelore, Angus e Wagyu.

Mas essa realidade era outra até o final da década passada, época em que chegou ao fim um relacionamento de 40 anos entre namoro, noivado e matrimônio. “O casamento geralmente dita o tom de como você leva a vida. Quando eu e minha então esposa chegamos aos 60 anos, ela sugeriu que a gente trocasse o trabalho por viagens. No entanto, eu havia acabado de dar uma guinada no conceito produtivo e vislumbrava coisas diferentes na pecuária. Não queria uma vida de marasmo e, diante das divergências de estilo de vida, acabei propondo a separação. Admito que não foi nada fácil. Era uma relação muito saudável, mas eu precisava continuar na ativa”, conta.

Em relação a essa época, Ricardo não se considerava como sedentário, mas sim “acomodado em uma zona de conforto”. A partir da adoção de atividades físicas frequentes, admite que até seu humor melhorou: “No período de acomodação eu era menos alegre, carrancudo e cumpria meus compromissos sem entusiasmo. Quem me conhece há bom tempo diz que mudei da água para o vinho. Hoje brinco mais com as pessoas. Entrei para a classe dos otimistas. Os problemas existem para que a gente se torne melhor e não para se vitimar por causa deles”.

Há 12 anos, o católico Ricardo ergueu uma capela na fazenda em Nhandeara. Hoje, segundo ele, o local alimenta sua saúde espiritual. “Frequento pelo menos duas vezes por semana. É onde faço minhas orações e também guardo meus vinhos. Tomar até duas taças por noite me faz dormir inspirado”, revela.

O produtor paulista aproveita para constatar e alertar: “Existe um vazio quando o assunto é a saúde do pecuarista brasileiro. Na verdade, é um buraco profundo. Desconheço programas ou políticas neste sentido. Prefiro não citar nomes, mas dentro do nosso segmento eu percebo muita gente, que é referência na atividade, descuidada com o seu próprio bem-estar”.

**INSÔNIA, GASTRITE E INFARTO.** Pecuarista e médico radiologista em Cuiabá (MT), Oswaldo Ribeiro Júnior é, ao mesmo tempo, testemunha e personagem direto em relação aos desafios para se garantir saúde adequada aos proprietários rurais, sobretudo para quem lida com a bovinocultura. “É uma profissão bruta. Se trabalha com animais vivos, com máquinas e tudo isso pode causar acidentes. O pecuarista não desliga. A fazenda está ali no celular. Ele dorme com um olho aberto e outro fechado. Tudo pode acontecer. É ani- ▶

O PECUARISTA ANTONIO RICARDO SECHIS ERGUEU. HÁ 12 ANOS, UMA CAPELA NA FAZENDA EM NHANDEARA, QUE, SEGUNDO ELE, O LOCAL ALIMENTA SUA SAÚDE ESPIRITUAL

mal que está parindo, outro doente, um que morre, que escapa pela cerca, incêndios, pressão ambiental, falta de mão-de-obra, invasão de terra, ladrões e insegurança jurídica nacional, dentre vários outros problemas”.

Dentro de um leque de problemas de saúde ele destaca que pelo menos 90% dos pecuaristas que visitam médicos, apresentam sintomas como estresse e insônia. Depois, com quase 80%, ele cita os diagnósticos de gastrite nervosa e de cólon irritável ou síndrome do intestino irritável, distúrbio esse que se caracteriza geralmente por desconforto abdominal, dor, diarreia e prisão de ventre.

Alguns diagnósticos assustam pelo alto risco de morte, como os problemas cardiovasculares, sobretudo infartos. “Isso acontece principalmente por falta de atividade física e de um cuidado melhor com a alimentação. Geralmente a comida nas fazendas de pecuária não tem um balanço nutricional como é possível encontrar na cidade. A maioria não tem como manter um nutricionista na propriedade. Por vezes nem cozinheiro. Conheço pecuaristas ainda na faixa de 40 anos de idade já usando stends”, avisa, se referindo a um pequeno tubo inserido em uma artéria com o objetivo de mantê-la aberta, garantido o fluxo sanguíneo, operação conhecida como angioplastia.

O trabalho a campo, quase sempre exposto à luz solar, também traz à tona os riscos de câncer de pele. “Apesar de todo o glamour da natureza, a lida na bovinocultura é muito pesada, com muita pressão pelo resultado, exigindo um trabalho exposto às intempéries climáticas. O pecuarista que tem 60 anos de idade tem 60 anos de sol e seus raios são acumulativos. Existe câncer de pele mais superficial, mas há também o melanoma, que carrega um risco de morte absurdo. Existem fatores complicadores para alguns grupos. É o caso do pessoal de pele mais clara, que migrou do Sul para o Centro-Oeste. A maioria, infelizmente, é desinteressada e não se protege”, alerta.

Ribeiro Júnior, que atualmente preside a Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), admite que existe um vácuo no aspecto do cuidado e orientação ao dono da terra:



“Os programas de saúde do homem, por exemplo, são raríssimos e, quando existem, são amplos demais. Falta algo específico para o dono do negócio no campo. Esse, via de regra, é quem menos se cuida em função de tabus e cultura. Muitos se consideram “raiz” e acabam morrendo no meio do caminho. Caso se cuidassem, poderiam ter uma vida mais longa”.

Indagado a quem caberia conduzir um eventual programa de orientação à saúde do pecuarista, o médico sugere a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA): Pela sua abrangência, conseguindo chegar a todos os sindicatos rurais e federações estaduais de produtores, teria maior facilidade de conduzir algo neste sentido, talvez usando ferramentas como cartilhas e vídeos, por exemplo. O problema é muito sério”, avisa, admitindo também que atualmente existem no Brasil mais ações focadas no boi do que na saúde do produtor.

Ao pecuarista que precisa tomar uma atitude, Ribeiro Júnior sugere a prática de atividades físicas e visitas periódicas a um clínico geral ou a um geriatra: “E aqui faço um alerta de que não é preciso esperar a velhice para procurar um geriatra. Este profissional pode prescrever vitaminas e compostos para pessoas na faixa de 40 ou 50 anos além de orientar sobre exames preventivos. É uma forma de se preparar para a terceira idade”.

Aos 64 anos, ele mesmo toma suas precauções para se manter ativo e

com saúde: “eu procuro me alimentar corretamente, faço exames periódicos, controlo a pressão e o colesterol além de praticar atividade física diariamente. Além de caminhadas, faço um trabalho específico de domingo a domingo. Como moro no 16º andar, desço até o térreo no elevador e subo pelas escadas. São 320 degraus/dia. É um dos melhores exercícios”.

**PROGRAMA RESTRITO.** Iniciado (fase piloto) em novembro de 2024 e lançado oficialmente em maio deste ano, o Programa Saúde no Campo, tocado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar Nacional) teoricamente poderia cumprir esta função de assistência ao pecuarista. No portal da CNA - <https://www.cna-brasil.org.br/projetos-e-programas/saude-no-campo> - consta que sua missão é “promover a saúde dos produtores atendidos pela Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), trabalhadores rurais e seus familiares”.

O ATeG, por sua vez, é classificado (<https://www.senarrrn.com.br/ateg/>) como “um serviço gratuito oferecido ao produtor(a) rural brasileiro pelo Senar” com “foco na geração de renda, melhoria da produção e na gestão rural de forma educativa”. A condição de participação estabelecida é do interessado “ter no mínimo 18 anos e ser produtor (a) rural ou um familiar, desde que possa representar legalmente a propriedade”.

Até agora, porém, este programa



vem atuando basicamente junto a pequenos produtores e trabalhadores rurais. “Estamos focados em um grupo de maior vulnerabilidade dentro de diversas cadeias produtivas. O programa realmente não atende médios e grandes pecuaristas. Pode ser que até um dia chegue lá, pois estamos bem no início. É uma iniciativa estratégica para a promoção da saúde e do fortalecimento de comunidades rurais com dificuldade de acesso a saúde, por conta de isolamento geográfico, dentre outros fatores”, explica Erika Bömer, diretora adjunta de Saúde e Promoção Social do Sistema CNA/Senar.

O painel de dados do Programa Saúde no Campo confirma esta tendência. Até o último dia 18 de agosto contabilizava atendimento a 11.710 pessoas em 4.429 sítios, fazendas ou chácaras de 183 municípios espalhados em 11 estados. No perfil fundiário do ATeG, 92% das propriedades participantes estão na categoria minifúndios (tamanho equivalente a até 1 módulo fiscal – MF) ou pequenas propriedades (de 1 a 4 MF). A área de um módulo fiscal é estabelecida por regiões distintas, variando de 5 a 20 hectares (como em algumas áreas no Sudeste) a 100 a 110 há (extensões no Pantanal e Amazônia, por exemplo) - <https://www.embrapa.br/codigo-florestal/area-de-reserva-legal-arl/modulo-fiscal>.

Os dados do programa, porém, ainda não estão estratificados, ou seja: não há informação disponível quan-

to ao percentual de produtores e trabalhadores assistidos, assim como recortes dos atendimentos exclusivos a pecuaristas, por exemplo. “Ainda estamos construindo a base de dados. Até o final de setembro devemos fechar um contrato com a Sociedade Israelita Albert Einstein para estratificar todas as informações de saúde populacional”, projeta Bömer.

Pelo menos por enquanto, o programa não leva o médico a campo. Sua participação é por teleatendimento, via aplicativo, serviço que ainda é considerado de “baixa utilização”. A diretora explica que cada um dos 11 módulos (11 estados participantes - MT, BA, TO, MA, PI, RN, PB, SC, RS, MS e RO) conta com um supervisor (enfermeiro profissional) que coordena uma equipe de 15 técnicos de saúde rural. Cada técnico atende 30 propriedades. Um módulo, portanto, impacta até 450 imóveis rurais.

“O programa tem duração de dois anos na propriedade, promovendo uma visita mensal. Dentre outras coisas, este contato prevê acompanhamento e orientação quanto a hábitos de higiene e o encaminhamento do cidadão para tratamento na rede local, em caso de suspeitas de doenças grave”, explica.

Mesmo em pouco tempo de atuação, o programa já reúne casos e experiências importantes: “Uma história que marcou foi a chegada de um técnico à casa de um produtor, em Ma-

**TRABALHO**  
VAI DESDE O  
ACOMPANHAMENTO  
DA ARROBA ATÉ A  
LIDA NO CAMPO

to Grosso, no momento em que uma criança se engasgava com um pedaço de osso. Ela foi salva na hora. Já em Mato Grosso do Sul encontramos um produtor com câncer e sem nenhum tratamento. Fizemos o encaminhamento ao sistema local de saúde e hoje ele passa por quimioterapia”, comemora.

Bömer admite, entretanto, que ainda há muita resistência do homem do campo quanto ao recebimento de orientações e atendimento à saúde: “A gente percebe muita influência de crenças, preconceitos e barreiras culturais. O pecuarista, por exemplo, geralmente argumenta que não pode parar o trabalho para se cuidar. A prioridade é a vaca. Outros, hipertensos, preferem trocar o remédio recomendado pelo médico por um chá caseiro. Ainda há muito a ser desmistificado. O produtor e a produtora rural precisam compreender que eventual doença não os torna menos homem ou mulher”.

Quanto à possibilidade de ampliação do programa para o pecuarista de maior escala produtiva, a diretora adjunta não promete nada, mas também não descarta: “Sem qualquer dúvida, o problema que a Feed&Food detecta nos faz refletir e joga uma luz para uma possível discussão interna objetivando o atendimento de médios e grandes produtores. Realmente não adianta melhorar as condições de rebanhos sem saúde para seus donos. Ao final das contas, as questões e dificuldades se apresentam para todos”. ■

# TRADIÇÃO, TECNOLOGIA E QUALIDADE: A EVOLUÇÃO DA PECUÁRIA (E DA CARNE) NELORE

NABIH AMIN EL AOUAR

A raça Nelore, na Índia conhecida como Ongole, tem uma história de mais de 3 mil anos e é considerada sagrada no hinduísmo. Chegou ao Brasil em 1868, quando um casal de bovinos desembarcou em Salvador, e se consolidou a partir de 1878, com a importação de outro casal pelo suíço Manoel Ubelhart Lembgruber. Rapidamente disseminada pelo país, a raça teve seu registro genealógico criado em 1938, se tornando a principal da pecuária brasileira. Esse é o ponto de partida de uma história de evolução contínua, que atravessa gerações e molda até hoje a pecuária nacional.

Hoje, o Nelore representa cerca de 80% do rebanho nacional de bovinos de corte, resultado de décadas de aprimoramento genético e fomento contínuo à qualidade. Não é qualquer coisa. O Brasil tem mais de 215 milhões de bovinos. Considerando que cerca de 20% do plantel do país é composto por bovinos de aptidão leiteira, todo o restante é destinado à produção de carne. Tomando como base os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estamos falando em torno de 153 milhões de animais Nelore ou anelorados. Esse protagonismo no campo reflete-se também nos resultados econômicos e zootécnicos.

A força da pecuária brasileira é comprovada em várias áreas. Em termos de produção, são mais de 10 milhões de toneladas de carne por ano. Em exportação, foram 2,89 milhões de toneladas no ano passado, com receita superior a R\$ 70 bilhões, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). De janeiro a julho deste ano, já foram embarcadas 1,78 milhão de toneladas com receita de R\$ 49 bilhões.

A rastreabilidade é um dos temas

mais importantes e recentes. Ela funciona como um “RG” de cada animal, permitindo acompanhar sua trajetória desde a fazenda até a mesa do consumidor. Em dezembro do ano passado, o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) lançou o Plano Nacional de Identificação Individual de Bovinos e Búfalos (PNIB). O objetivo é rastrear todo o rebanho até 2032.

A iniciativa é vista de forma positiva, pois tem potencial para gerar benefícios diretos à agropecuária brasileira, como o fortalecimento dos programas de saúde animal e do monitoramento, além de agregar benefícios indiretos, especialmente na gestão do rebanho e do negócio, resultando em maior competitividade de nossos produtos no comércio global.

Além do PNIB, outro aspecto decisivo nessa evolução é o uso crescente da tecnologia. Novos insumos e inovações em diferentes frentes permitem identificar animais com características ideais de produção de carne premium. Essa evolução contribui para a qualidade da carne Nelore e para o fortalecimento da carne brasileira no mundo.

Esse avanço ocorre graças ao melhoramento genético – que tem proporcionado à pecuária brasileira ganhos expressivos de produtividade, como a produção em menor área, com impactos diretos na eficiência, sustentabilidade e rentabilidade do setor. Outros fatores importantes são a nutrição, a sanidade, a gestão e a qualificação da mão de obra. Indiscutivelmente, a soma de conhecimento, manejo e inovação traz benefícios diretos para toda a cadeia: produtores, frigoríficos e consumidores.

Atualmente, estamos somente atrás dos Estados Unidos em produção. No entanto, a tendência é de ultrapassar os EUA, já que a produtividade brasileira cresce ano após ano, enquanto o re-


banho norte-americano está em queda.

Nesse cenário, a Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB) tem papel fundamental para o preparo e orientação dos pecuaristas brasileiros para os desafios do mercado. A entidade promove ações para aprimorar a pecuária de corte, como o Circuito Nelore de Qualidade, que avalia e promove a qualidade da carne Nelore – em 2024 foram avaliados mais de 38 mil animais, os Rankings Nelore, Nelore Mocho e Nelore Pelagens e os leilões oficializados pela entidade. Com esses esforços, a ACNB se dedica a trabalhar e divulgar a genética de alta qualidade da raça Nelore, com o objetivo de melhorar ainda mais o rebanho bovino.

Neste ano, firmamos uma parceria com a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), aproximando o Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos para a Produção de Carne (PMGZ Carne) do Circuito Nelore de Qualidade. É um projeto no qual o Circuito abriu portas e criou condições para que a iniciativa da ABCZ pudesse aproveitar toda a mobilização realizada em suas etapas, tendo como objetivo avaliar genomicamente os animais com pais Nelore PO (Puros de Origem) identificados.

Com essas iniciativas, a ACNB segue na linha de frente da modernização da raça Nelore. Por meio de certificações, rankings, eventos, tecnologia e parcerias internacionais, a associação consolida uma trajetória marcada pela qualidade, sustentabilidade e valorização da carne Nelore – assegurando que ela continue conquistando espaço, confiança e sabor nas mesas do Brasil e do mundo. ■

NABIH AMIN EL AOUAR, DIRETOR DE FOMENTO DA CARNE DA ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE NELORE DO BRASIL (ACNB), PECUARISTA E MÉDICO CARDIOLOGISTA



Na AGV, cada entrega reforça nosso compromisso com a Saúde Animal.

No Brasil e na Colômbia, garantimos excelência logística e cuidado em cada etapa da **cadeia do frio**.



Armazéns climatizados e refrigerados

Central de selagem de vacinas controladas

Armazéns estrategicamente localizados



Capilaridade nacional – entrega em todo Brasil



Transporte FTL

Transporte LTL

Transporte aéreo

Do Norte ao Sul,  
no tempo e na temperatura,  
estamos prontos para ir além.



# ALTA PERFORMANCE EM VENDAS: ESTRATÉGIAS PARA TRANSFORMAR EQUIPES E RESULTADOS

NA REUNIÃO DA ASBRAM, A VETERINÁRIA E ESPECIALISTA EM GESTÃO COMERCIAL, **HAYLA FERNANDES**, DESTACOU COMO VISÃO ESTRATÉGICA, APOIO ESTRUTURADO E CULTURA ORGANIZACIONAL PODEM LEVAR AS EQUIPES DE VENDAS A RESULTADOS CONSISTENTES E SUSTENTÁVEIS

**CAMILA SANTOS**

camila@dc7comunica.com.br

A reunião da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (Asbram), realizada no dia 14 de agosto de 2025, no Hotel Alphapark, em Goiânia (GO), reuniu associados e convidados em um encontro que aliou debates setoriais e palestras técnicas. Entre os destaques da programação, esteve a apresentação de Hayla Fernandes, médica-veterinária com MBA em Gestão Comercial, formação em CX, Branding e Marketing pela UC Davis (EUA), passagem pelo Google e mais

de 15 anos de experiência em vendas, gestão de pessoas e processos.

Com o tema “Alta performance em vendas, como chegar lá”, Hayla conduziu os participantes a uma reflexão sobre o papel da disciplina, da visão estratégica e da cultura de apoio como diferenciais na construção de resultados consistentes.

Logo no início, a palestrante usou uma metáfora impactante para exemplificar o conceito de alta performance: a atuação de profissionais como snipers, maestros e cirurgiões. Em comum,

esses especialistas compartilham foco absoluto, domínio técnico, disciplina e a responsabilidade de lidar com cenários de alto risco e sem margem para erro.

“Esses profissionais contam com suporte. Quanto mais apoio recebem, maior sua assertividade. Em vendas, é exatamente a mesma lógica: o vendedor precisa de gestores, líderes e ferramentas que ampliem sua visão e sustentem seu desempenho”, explica.

**ASSOCIADOS DA ASBRAM PARTICIPARAM DO CICLO DE PALESTRAS QUE VISA FORTALECER NEGÓCIOS E TRAZER ATUALIZAÇÕES DO SETOR**



## VISÃO CILÍNDRICA X VISÃO ESTRATÉGICA.

De forma prática e interativa, Hayla demonstrou a diferença entre a visão “cilíndrica”, característica do vendedor no campo, e a visão “cônica”, que cabe ao gestor e à liderança. Enquanto o vendedor está concentrado em atingir o alvo imediato – como um sniper –, o gestor precisa fornecer o contexto mais amplo, considerando variáveis como mercado, concorrência, cenário econômico e movimentações estratégicas.

“Não adianta cobrar que o vendedor enxergue além da sua função sem oferecer apoio. O papel da gestão é ampliar o campo de visão, construir processos e fornecer ferramentas que facilitem o trabalho da equipe”, reforça.

**HAYLA FERNANDES É**  
MÉDICA-VETERINÁRIA  
COM MBA EM GESTÃO  
COMERCIAL, FORMAÇÃO  
EM CX, BRANDING E  
MARKETING PELA UC  
DAVIS (EUA)

## APOIO EM TRÊS ETAPAS: PRÉ-VENDA, VENDA E PÓS-VENDA.

Um dos pontos centrais da palestra foi a estruturação do apoio ao time comercial em três fases: pré-venda, venda e pós-venda. Segundo Hayla, a alta performance não depende apenas da execução no momento da negociação, mas da construção de uma cultura de acompanhamento contínuo.

No pré-venda, a organização de tempo e território é fundamental. Planilhas simples, com dados de clientes, frequência de visitas e responsáveis técnicos, ajudam a otimizar a atuação e a expandir a base de relacionamento. No processo de venda, o uso de ferramentas como CRM desenhado para o vendedor pode ser decisivo. “Se o sistema não gera valor para o vendedor, ele não será utilizado. Por isso, o desenho das ferramentas precisa considerar a visão de quem está em campo”, afirma.

Já no pós-venda, o acompanhamento ativo é determinante para fidelizar clientes e garantir recorrência. “O erro em uma negociação relevante pode custar seis meses ou mais para ter nova oportunidade. Por isso, a consistência no pós-venda é um dos pilares da alta performance”, destaca.

## CULTURA: AUTORIDADE E REPETIÇÃO.

Para Hayla, ferramentas por si só não transformam equipes. A chave está na construção de uma cultura organizacional sólida, baseada em



dois elementos: autoridade e repetição. “Não existe gestão revolucionária em vendas. O que existe é cultura. E cultura se forma quando o líder tem autoridade para orientar e a disciplina de repetir, repetir e repetir até consolidar práticas no time”, ressalta.

## VALOR PERCEBIDO E PROTAGONISMO DA ASBRAM.

Durante a palestra, Hayla também enfatizou a importância de associações como a Asbram em gerar valor para seus associados. “O fato de mais de 200 pessoas – presentes e à distância – acompanharem essa reunião é a prova de que esta entidade entrega algo relevante. Essa mobilização é a melhor forma de mensurar valor”, diz.

A palestrante deixou uma mensagem prática: a alta performance em vendas não é fruto de fórmulas mágicas, mas do alinhamento entre pessoas, processos e gestão. “Mesmo com

## JANTAR

Na véspera da reunião, os associados participaram do tradicional jantar promovido por Ademar Leal e sua esposa Ivana, no novo escritório da Campo Rações. O encontro, já consolidado no calendário da Asbram, reforçou o espírito de amizade e união entre os participantes, demonstrando a maturidade e o respeito que sustentam as parcerias dentro da associação.

pouco tempo, é possível sair de uma reunião como esta com ideias que podem ser implementadas já no dia seguinte. A mudança começa quando entendemos que o vendedor é um sniper – mas o resultado depende da equipe que o apoia.” ■

# A IMPORTÂNCIA DE UM “PLANO DE DESENVOLVIMENTO” PARA A CARCINICULTURA BRASILEIRA

ITAMAR ROCHA

Quando se analisa, o quadro atual da carcinicultura marinha brasileira (3.500 produtores, 35.000 hectares de viveiros e uma produção de 210.000 t, sem nenhuma exportação, em 2024), com uma projeção de crescimento para 225.000 t em 2025, tendo como fundamento, seu extraordinário potencial e seu generalizado processo de crescimento, aliado ao atual perfil de desempenho produtivo, mesmo a despeito da generali-

zada preocupação das “cabeças pensantes setorial”, com relação ao cenário de como consolidar esse contínuo crescimento, com as limitações tecnológicas: (1) falta de plantéis de reprodutores SPF e SPR, (2) falta de um mínimo apoio financeiro (investimentos e custos operacionais, incluindo o estoque do produto acabado), (3) falta de apoio estrutural (unidades de processamento e agregação de valor), bem como, principalmente, (4) limitações de acessos aos

principais mercados internacionais.

Especialmente, quando se tem presente que em 2003, o Brasil produziu (90.190 t) e exportou (58.045 t / US\$ 226 milhões), tendo ocupado o 1º lugar das importações de camarão pequeno/médio dos EUA, assim como, em 2004, o 1º lugar das importações de camarão tropical pela UE, inclusive, com desempenho superior ao Equador (78.500 t / 58.011 t / US\$ 324 milhões), mas que em 2024, produziu apenas 210.000 t, sem nenhuma exportação, enquanto o Equador (256.000 km<sup>2</sup> e 600 km de costa), sem energia elétrica e acesso por rodovias, elevou sua produção para 1.479.334 t e as exportações, para 1.211.000 t / US\$ 6,068 bilhões, mostrando claramente, que o Brasil precisa urgentemente, mudar radicalmente sua política setorial.

Notadamente, quando se analisa o desempenho do setor pesqueiro (extrativo e cultivado) mundial e brasileiro, em comparação ao setor agropecuário, salta aos olhos os equívocos cometidos pelo Brasil, que apesar de ser detentor de invejáveis potencialidades, em relação aos principais líderes mundiais da produção aquícola e carcinícola (China, Índia, Vietnã, Indonésia, Equador, etc.), se verifica que enquanto o Brasil lidera com (26%) as exportações mundiais (US\$ 90 bilhões) de todas as carnes, já com relação às exportações mundiais de pescado (US\$ 193 bilhões/2024), sua participação

(US\$ 400 milhões), foi inexpressiva (0,20%), ou seja, essa enorme e injustificada discrepância, não tem qualquer amparo, quer seja técnico, ambiental ou de localização geográfica.

Na verdade, trata-se de múltiplos desafios, que precisam ser superados, pois no caso específico da produção do camarão marinho cultivado, que já é a estrela da gastronomia mundial, além de já ter ocupou o 1º lugar mundial em produtividade (6.083 kg/há/2003), se destacou em 1º lugar das exportações de camarão marinho cultivado da América Latina, que sem justificativa aceitável, perdeu esse destacado espaço, duramente conquistado, por obra e graça da falta de apoio governamental.

No entanto, diante da constatação de que a maioria dos seus produtores, estão classificados como micros (70%), pequenos (15%), médios (10%) e apenas (5%) são grandes, não há dúvida que está na hora de enfrentá-los e incorporá-los a essa dinâmica e pujante cadeia produtiva, como forma de manter seu crescimento, ordenado e sustentável, razão porque se recomenda a elaboração de um **Plano de Desenvolvimento da sua Cadeia Produtiva**, prioritariamente, para a **Região Nordeste, bem como, o Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.**

Isso, tendo presente, que a sua realização será um elemento nortea-

dor, para que os Governos: Federal e, notadamente Estaduais e Municipais da Região Nordeste e dos Estados do Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, juntamente com os Agentes Financeiros Oficiais, bem como, com a especial participação do **SEBRAE Nacional e Estaduais, da CNA e suas Federações Estaduais de Agricultura, da CODEVASF, das Universidades Federais e Institutos Federais de Educação**, possam desenvolver ações de curto, médio e longo prazos, seguindo o Plano de Desenvolvimento, que contempla no seu escopo, dentre outros:

**1** o conhecimento das potencialidades hídricas, tanto marinha, como estuarinas e, naturalmente, das águas interioranas de uso insignificantes, com teor salino acima de 0,5 ppt;

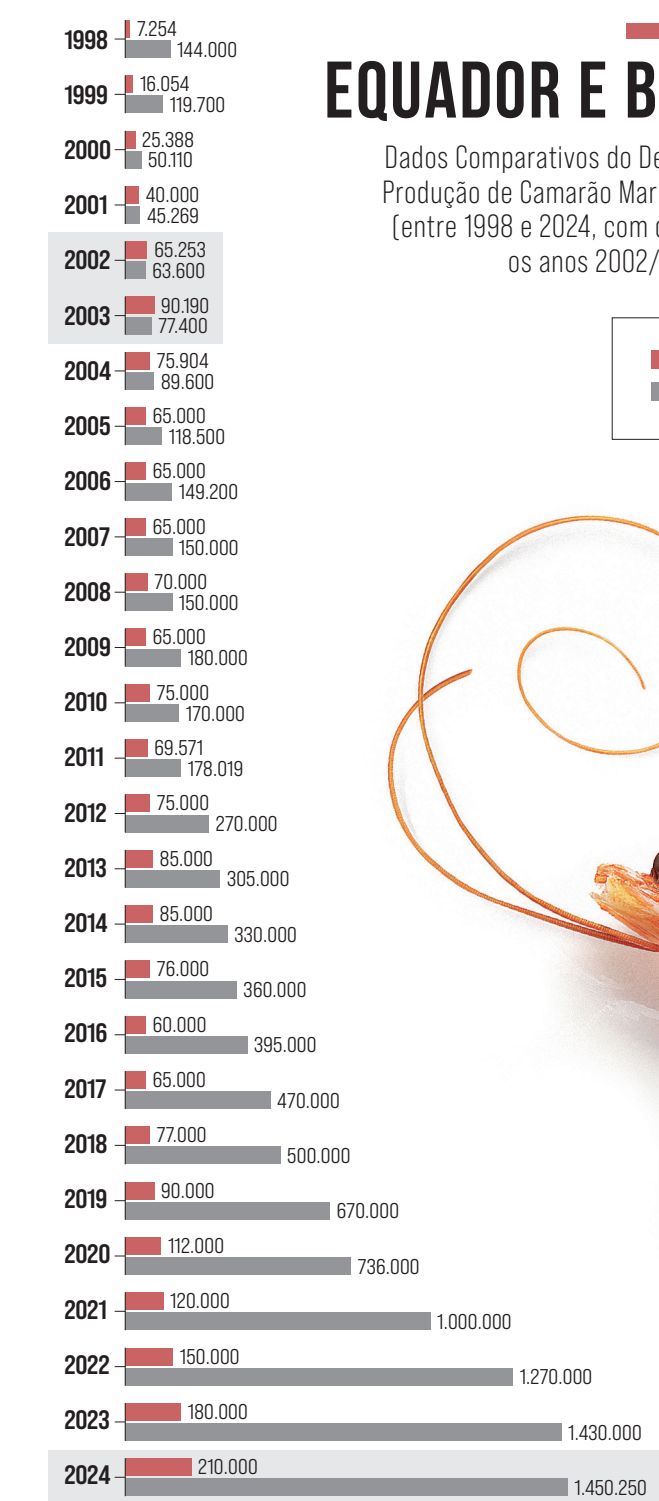
**2** o planejamento do desenvolvimento setorial, com priorização das ações de governo, das prefeituras municipais, dos agentes financeiros, dos órgãos públicos precedentemente citados e, da iniciativa privada, no tocante aos necessários investimentos estruturadores e incentivos fiscais requeridos para atrair empresas âncoras ou outros potenciais investidores, detentores de tecnologias e conhecimentos dos mercados nacionais e internacionais. ►

Dessa forma, a Contextualização do Plano de Desenvolvimento da Carcinicultura da Região Nordeste, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, apresentará metas para o setor carcinicultor e os demais elos da sua cadeia produtiva, incluindo desde centros de pesquisas, de distribuição de náuplios de reprodutores SPF / SPR, importados, unidades de larviculturas, fábricas de rações, outros insumos diretos e indiretos, equipamentos como bombas e aeradores, bem como, a necessidade de indústrias de processamento e agregação de valor e, de centros de distribuição dos produtos processados.

Adicionalmente, o Plano deve prevê um diagnóstico das potencialidades mercadológicas como estratégias para o planejamento das ações comerciais, desde os produtos in natura, aos produtos processados, pré-cozidos, com valor agregado e porcionados em embalagens de 120, 200, 400, 800 e 1.000 gramas, bem como, a Identificação dos agentes e parceiros institucionais, notadamente os financeiros, com suas respectivas ações para uma efetiva viabilização e alcance dos objetivos pertinentes ao plano de desenvolvimento;

Nesse sentido, o Plano de Desenvolvimento da Carcinicultura da Região Nordeste, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul nascerá de uma destacada iniciativa do Governo do Federal e Governos Estaduais, com apoio das respectivas Assembleias Legislativas e da Banca Federal do Nordeste e demais Estados contemplados, incluindo naturalmente, as Prefeituras Municipais, cuja composição estrutural contemplará inicialmente, um criterioso levantamento da estrutura produtiva das suas unidades de carciniculturas marinhas, com o *Penaeus vannamei*, sequenciado por uma descentralização dos Licenciamentos Ambientais, para facilitar e agilizar o acesso aos indispensáveis e fundamentais créditos para investimentos e custeio operacional.

De forma que, o Plano de Desenvolvimento Setorial, contendo diretrizes, bases estratégicas, sistemas institucionais, mecanismos e instrumentos operacionais, todos densamente articulados passará a exercer um papel de fundamental im-



## EQUADOR E BRASIL

Dados Comparativos do Desempenho da Produção de Camarão Marinho Cultivado (entre 1998 e 2024, com destaque para os anos 2002/2003 e 2024)



portância para promover, orientar e apoiar o desenvolvimento sustentável do camarão marinho cultivado no Brasil, cujo território detém, nos Estados acima mencionados, um destacado potencial para o desenvolvimento e expansão dessa atividade. ■

**Itamar Rocha**, Presidente ABCC, Diretor DEAGRO - FIESP, Membro Titular do CONAPE, Membro Titular da Câmara Setorial a Pesca e Aquicultura do MAPA. [abccam@abccam.com.br](mailto:abccam@abccam.com.br) [ipr1150@gmail.com](mailto:ipr1150@gmail.com)

**FENACAM 2025**  
FEIRA NACIONAL DO CAMARÃO

**11 a 14**  
DE NOVEMBRO  
DE 2025

CENTRO DE CONVENÇÕES  
DE NATAL/RN - BRASIL



O mais relevante evento técnico  
do setor Carcinicultor e Aquicultor  
da América Latina!

## Conexão, inovação e sustentabilidade

Venha aprimorar seus conhecimentos  
em carcinicultura, aquicultura e,  
vislumbrar um mar de oportunidades!

XXI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CARCINICULTURA  
XVIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE AQUICULTURA

SAIBA MAIS

 [fenacam.com.br](http://fenacam.com.br)

**Tipo de  
inscrição**

**Até 29/08**

**Até 31/10**

**Após 31/10**

Não sócio  
ABCC

R\$ 500,00

R\$ 600,00

R\$ 700,00

Sócio ABCC

R\$ 400,00

R\$ 500,00

R\$ 600,00

Estudante


R\$ 150,00

R\$ 200,00

R\$ 250,00



FAÇA PARTE!

Envie seu   
trabalho técnico!

Concorra a premiações para os  
melhores colocados!

Data-limite: 8 de setembro





altemir.gregolin2@gmail.com

# A HORA E A VEZ DO MERCADO INTERNO PARA O PESCADO

**O** Tarifaço dos EUA imposto ao Brasil, que atingiu as exportações de pescado com uma sobretaxa de 50%, evidenciou o quanto é importante o nosso mercado interno e o seu papel estratégico para o desenvolvimento do setor aquícola e pesqueiro brasileiro. Retomar o mercado americano, reabrir o mercado europeu e abrir novos mercados pelo mundo é fundamental e estratégico, porém, a nossa base segura deve ser o mercado interno.

Temos um mercado com mais de 200 milhões de habitantes, privilégio de não mais que 7 países no mundo. Qualquer aumento no consumo tem grande impacto na demanda. Costumo citar dois exemplos para demonstrar o potencial deste tesouro: O primeiro diz respeito ao volume de tilápia que deixa de ser exportada para os EUA com o Tarifaço, em torno de 2 mil toneladas/mês. Se cada brasileiro consumisse um filé de tilápia de 100 gramas a mais durante o mês, seria suficiente para consumir toda a tilápia que deixa de ser exportada para os EUA. O outro exemplo também é impactante, se cada brasileiro aumentasse o consumo de pescado em 1 kg/hab/ano, que significa consumir um filé de tilápia de 160 gramas a cada 60 dias, resultaria em um consumo de 200 mil toneladas de filé de tilápia/ano, que transformado em peixe vivo, daria o volume de aproximadamente 600 mil toneladas de peixe vivo/ano. Ou seja, seria necessário praticamente dobrar a produção nacional de tilápia para atender o aumento da demanda de 1 kg/hab/ano. Isso mostra a força que tem o nosso mercado interno.

E temos exemplos de sobra de cadeias que enfrentaram problemas com exportações e que recorreram ao mercado interno. Uma delas é a

carcinicultura, que em 2005 sofreu um damping dos EUA e as exportações simplesmente foram paralisadas. O setor se voltou para o mercado interno e descobriu nele a grande solução. Se antes mais de 90% do camarão cultivado era exportado, hoje mais de 95% fica no mercado interno. Outra cadeia que é um case de sucesso, é o suíno, que, quando sofreu o embargo da Rússia para as exportações brasileiras, a Associação Brasileira de Criadores de Suínos – ABCS, liderou uma campanha estruturada que permanece até hoje e envolve, estudos de mercado, introdução de novos cortes, capacitação de vendedores nas lojas, reposicionamento em relação a qualidade da carne, campanhas de marketing, etc. Em 10 anos, o consumo de carne suína subiu de 12 kg/hab/ano, para 18 kg/hab/ano.

No caso do pescado, iniciativas como a Semana do Pescado, da qual participei da sua criação e que está na sua 22ª edição, são muito importantes, mas insuficientes. É preciso desenvolver um trabalho contínuo e estruturante, a exemplo do que fez a ABCS. Um trabalho que envolva pesquisa de mercado, identificação da real demanda dos consumidores para subsidiar a indústria e o setor produtivo, que trabalhe a legislação para criar mecanismos de estímulo ao consumo, que desenvolva ações permanentes junto às prefeituras, governos estaduais e federal e nas escolas, para garantir pescado na alimentação escolar pelo menos duas vezes por semana, que capacite merendeiras e vendedores de pescado e desenvolva campanhas permanentes de fomento ao consumo. Este é o caminho. Estratégia de longo prazo, inovações, resiliência e foco.

Este trabalho, porém, exige organização e investimentos. Penso que te-

mos duas alternativas para viabilizá-lo: Ou as entidades nacionais do setor assumem a responsabilidade pela organização e coordenação de um programa nacional de fomento ao consumo num horizonte de médio e longo prazos, a exemplo da ABCS. Ou se cria um Instituto com esta finalidade, com personalidade jurídica própria e apto à captar recursos e profissionalizar o trabalho de fomento ao consumo de pescado, a exemplo do National Fisheries Institute – NFI, dos EUA. Ou se faz isso, ou teremos muitas dificuldades para desenvolver um mercado forte de consumo, capaz de alavancar o grande potencial de produção do país.

É importante considerarmos que diferente do Japão, Noruega e outros países, no Brasil temos muitas opções de proteína de origem animal que são competitivas no preço e na qualidade. Então, o desafio é ainda maior no ponto de venda. E se considerarmos as razões do baixo consumo apontadas pelas pesquisas, 10 kg/hab/ano, como sendo o preço, não saber escolher e não saber fazer, temos muito trabalho pela frente. É preciso superar estes entraves.

Sem dúvida, já avançamos muito. E tenho certeza que teremos sucesso nesta empreitada, nossa indústria e setor produtivo tem se modernizado rapidamente melhorado o padrão de qualidade, a eficiência, escala e preços. E temos grandes vantagens, especialmente por ser considerada a proteína de origem animal mais saudável, mais sustentável e porque todas as pesquisas apontam que o desejo do consumidor é aumentar o consumo de pescado. Cabe ao setor apresentar o produto no perfil, na qualidade e no preço desejado pelo consumidor.

Mãos à obra, o mercado interno é a nossa maior riqueza. Bora desenvolvê-lo. ■



# 20 ANOS DE FEED&FOOD. INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO.

**Revista, Portal de notícias e Newsletter diária:  
toda cadeia de proteína animal em uma única plataforma**



CADASTRE-SE  
E RECEBA NOSSA  
NEWSLETTER

[feedfood.com.br](http://feedfood.com.br)

[@](#) [f](#) [in](#) /revistafeedfood

[X](#) /feedfood

 XCLUSIVE  
FEED & F **20** anos



# O FUTURO DO AGRONEGÓCIO NÃO ESTÁ SÓ NO CAMPO. ESTÁ NA FORMA COMO CONTAMOS NOSSA HISTÓRIA

No nosso mercado, a produção já alcançou patamares impressionantes. Evoluímos em genética, sanidade, nutrição, bem-estar animal e práticas sustentáveis, entre tantos outros aspectos. O que entregamos hoje é resultado de décadas de ciência, dedicação e investimentos que colocaram o Brasil entre os grandes protagonistas mundiais da produção de alimentos. Mas, se a produção avançou tanto, a forma como contamos essa história ainda precisa evoluir.

Pois quem está na ponta da cadeia, decidindo o que comprar ou consumir, quer mais do que um produto de qualidade. Quer informação, quer entender como aquele alimento foi produzido, quais cuidados existem em cada etapa, como os princípios de ESG são aplicados no campo e de que forma a cadeia produtiva trabalha com responsabilidade para que o que chega à mesa seja fruto de compromisso e transparência.

É nesse espaço que a comunicação ganha força. Não basta apenas produzir com excelência, é preciso transformar essa excelência em percepção. Mostrar, com clareza e atratividade, que a carne, o leite, os ovos, o peixe ou qualquer outro alimento não são apenas mercadorias, mas resultados de inovação, tecnologia e responsabilidade compartilhada.

O agro brasileiro, tantas vezes reconhecido pela sua capacidade produtiva, ainda comunica pouco do muito que já faz. E, quando não contamos a nossa

própria história, outros contam por nós, muitas vezes de forma distorcida. Uma cadeia tão robusta e vital, que já superou inúmeros desafios e revoluções tecnológicas, não pode ser lembrada apenas pelo preço. Precisa ser reconhecida também pela inteligência que carrega, pelas boas práticas que mantém e pelo compromisso constante com o futuro.

Comunicar não é vestir o agro com outra linguagem. É revelar o que já existe, mas de forma que eduque e conecte. É traduzir processos técnicos em narrativas que aproximam, dão clareza e despertam confiança. Pois, no fim das contas, comunicar bem é transformar informação em valor. E valor é o que move qualquer decisão de compra.

O que falta, portanto, não é resultado. É visibilidade. Não é competência. É constância na forma de mostrar. Não é conquista. É reconhecimento. Se o agro brasileiro já conquistou o respeito do mundo pela sua produção, agora é hora de conquistar também a admiração pela sua comunicação.

E essa virada não depende de um único elo, mas da cadeia inteira. Cada voz importa, e cada história real fortalece o todo. Pois o futuro não será apenas de quem produz mais, será também de quem souber comunicar melhor. E é exatamente aí que está o nosso próximo salto: transformar tudo aquilo que já somos em uma narrativa forte e autêntica.

O campo já mostrou sua força. Agora é a vez da comunicação mostrar a nossa grandeza. ■



### Larissa Spricigo

Médica veterinária, especialista em marketing estratégico para o agronegócio, com atuação em branding, comunicação e posicionamento de marcas

# NUTRINDO HOJE O NOSSO AMANHÃ



Com mais de **120 anos de história**, a **ADM** acredita que pequenos passos podem levar a grandes impactos. Comprometidos com o crescimento sustentável, trabalhamos para enfrentar os principais desafios de nossos clientes: saúde através da nutrição, desempenho e sustentabilidade. Isso nos torna líderes em nutrição animal.

Nossa paixão pela nutrição e inovação nos permite fornecer soluções de ponta em premixes, aditivos e serviços técnicos especializados para aves, suínos, gado de leite e de corte, pet, peixes e camarões. Juntos, elevamos nossos clientes ao mais alto nível de eficiência e qualidade, nutrindo hoje o nosso amanhã.

**ADM Nutrição Animal.**



# Genesis<sup>®</sup>

GENDER SORTING SYSTEM

ESCANEE O  
QR CODE E SAIBA  
MAIS NO SITE



CEVABRASIL@CEVA.COM



Male	Female
♂	♀
✓	✗
FLOCK ACCURACY: 97%	

**PRECISÃO** desde o princípio é nossa prioridade,  
Ceva **GENDER SORTING SYSTEM** para frangos de corte.



CEVA.COM